

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

INFLUÊNCIA DA ATIVIDADE TURÍSTICA
NA
PESCA ARTESANAL EM GAROPABA

JAIRO MELO DE OLIVEIRA

Florianópolis (SC), outubro de 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

INFLUÊNCIA DA ATIVIDADE TURÍSTICA

NA

PESCA ARTESANAL EM GAROPABA

Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas para obtenção de carga horária na disciplina de CNM 5420 - Monografia.

Por: Jairo Melo de Oliveira

Matrícula: 932.0722-0

Orientador Prof Hoyêdo Nunes Lins

Palavras - Chaves: 1 Turismo
2 Pesca Artesanal
3 Comunidades Tradicionais

Florianópolis (SC), outubro 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

INFLUÊNCIA DA ATIVIDADE TURÍSTICA

NA

PESCA ARTESANAL EM GAROPABA

Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas para obtenção de carga horária na disciplina de CNM 5420 - Monografia.

Por: Jairo Melo de Oliveira

Matrícula: 932.0722-0

Orientador Prof Hoyêdo Nunes Lins

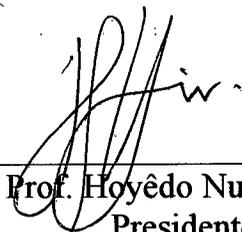
Palavras - Chaves: 1 Turismo
2 Pesca Artesanal
3 Comunidades Tradicionais

Florianópolis (SC), outubro 1998.

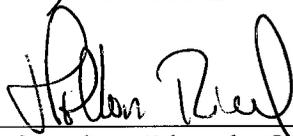
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota **8,5** ao aluno Jairo Melo de Oliveira na disciplina CNM 5420 - Monografia, pela apresentação deste trabalho.

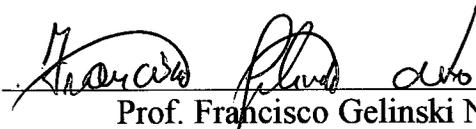
Banca Examinadora :



Prof. Hoyêdo Nunes Lins
Presidente



Prof. Helton Ricardo Ouriques
Membro



Prof. Francisco Gelinski Neto
Membro

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota **8,5** ao aluno Jairo Melo de Oliveira na disciplina CNM 5420 - Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora :

Prof.

Presidente

Prof.

Membro

Prof.

Membro

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela minha vida, aos meus pais e minha família que sempre me apoiaram em todos os momentos. Agradeço, de modo especial, ao Professor Hoyêdo Nunes Lins, pela força, coragem e por acreditar neste trabalho. Também a todos que colaboraram, principalmente os pescadores, empresários do setor turístico e o Secretário de turismo de Garopaba, consultados na pesquisa.

Este trabalho é dedicado a meus pais:
Manoel Joaquim de Oliveira e
Nilza Melo de Oliveira

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	IV
LISTA DE ANEXOS	V
LISTA DE GRÁFICOS	V
LISTA DE FIGURAS	V
LISTA DE FOTOS	V
RESUMO	VI
CAPÍTULO I.....	1
1. O PROBLEMA.....	1
1.1 - INTRODUÇÃO	1
1.2 - PROBLEMÁTICA	2
1.3. OBJETIVO GERAL :	6
1.3.1. OBJETIVO ESPECÍFICO :	6
1.4. METODOLOGIA :	6
CAPÍTULO - II.....	7
REFERENCIAL ANALÍTICO: CRESCIMENTO DO TURISMO EM COMUNIDADES TRADICIONAIS E TRANSFORMAÇÕES LOCAIS.....	7
2.1 - INTRODUÇÃO.....	7
2.2. - TURISMO EM SANTA CATARINA	7
2.3 - TURISMO E DESENVOLVIMENTO	12
2.4 - O SETOR DE PESCA.....	17
2.4.1 - A PESCA ARTESANAL.....	18
2.5 - COMUNIDADES TRADICIONAIS E TURISMO EM SANTA CATARINA: OS ENSINAMENTOS DE ALGUNS ESTUDOS.....	20
CAPÍTULO - III	23
GAROPABA: IMPORTANTE NÚCLEO PESQUEIRO DE SANTA CATARINA.....	23
3.1 - INTRODUÇÃO	23
3.2 - GAROPABA: DOS PRIMÓRDIOS À CONDIÇÃO DE MUNICÍPIO.....	23
3.3 - PRINCIPAIS ASPECTOS DA PESCA ARTESANAL DE GAROPABA ENTRE AS DÉCADAS DE 60 e 90.....	25
3.3.1 - ANÁLISE CONJUNTA DOS DADOS DE DESEMBARQUE DA PESCA ARTESANAL DA DÉCADA DE 60 A DE 90.	30
CAPÍTULO - IV.....	33
GAROPABA: NÚCLEO TURÍSTICO	33
4.1 - INTRODUÇÃO.....	33
4.2 - DIFERENTES FASES DO TURISMO EM GAROPABA E OS IMPACTOS ESTRUTURAIS SÓCIOS ECONÔMICOS LOCAIS.....	33
4.2.1 - CARACTERIZAÇÃO DA FASE INICIAL DA ATIVIDADE TURÍSTICA.....	34
4.3 - NOTAS SOBRE IMPACTOS INICIAIS.....	36
4.4 - FORMAÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA TURÍSTICA.....	37
4.4.1 - ANÁLISE DA ESTRUTURA ECONÔMICA E O CRESCIMENTO DO TURISMO.....	38
4.4.2 - O SISTEMA PRODUTIVO	40
4.5 - ANÁLISE DA ATIVIDADE TURÍSTICA.....	43
4.5.1 - SAZONALIDADE DA ATIVIDADE TURÍSTICA: REPERCUSSÃO NA OCUPAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA.....	43
4.5.2 - ORIGEM DA MÃO-DE-OBRA OCUPADA	45
4.5.3 - A RENDA NA ATIVIDADE TURÍSTICA	46
4.5.4 - O FLUXO TURÍSTICO LOCAL.....	47
4.5.5 - ATRATIVOS TURÍSTICOS.....	48
4.6 - O CRESCIMENTO DA MALHA URBANA, A REDUÇÃO DA ÁREA PESQUEIRA E OS PROBLEMAS AMBIENTAIS.....	50

CAPÍTULO - V	56
SITUAÇÃO ATUAL DA PESCA NO MUNICÍPIO DE GAROPABA: O PAPEL MODIFICADOR DO TURISMO	56
5.1 - <i>INTRODUÇÃO</i>	56
5.2 - <i>O CONTINGENTE DE PESCADORES</i>	57
5.3 - <i>OS PROBLEMAS DA ATIVIDADE</i>	58
5.3.1 - <i>A RELAÇÃO DE TRABALHO</i>	59
5.4 - <i>AS RELAÇÕES ENTRE A ATIVIDADE DE PESCA E A ATIVIDADE TURÍSTICA: REFLEXOS SÓCIO-ECONÔMICOS</i>	60
5.4.1 - <i>O PESCADOR E SUA FAMÍLIA</i>	61
CONCLUSÃO	64
- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67

LISTA DE TABELAS

Nº	Descrição	Página
001	População total, valor adicionado fiscal, PIIB municipal e PIB Municipal per capita no município de Garopaba - 1996	2
002	Evolução dos fluxos Turísticos em Santa Catarina.(1983-1996)	10
003	Relatório da Cooperativa de Garopaba e Total SC - Por propriedade de equipamento.	26
004	Venda do Pescado oriunda das localidades catarinenses- 1 964.	27
005	Organização do Produtor e da Produção: Garopaba-SC.	28
006	Desembarque de pescado na área catarinense e no município de Garopaba nos anos de 1966 a 1996.	32
007	Evolução de empreendimentos turísticos e leitos disponíveis em Garopaba. SC	35
008	Investimento por tipo de Empreendimento.	38
009	Empreendimentos por tipo de estabelecimentos segundo a procedência do investidor em Garopaba.	38
010	Pessoas de 10 anos ou mais que trabalham no ano de referência, por setor de atividade, segundo Garopaba-1970, 1980 e 1991.	39
011	Variação entre os períodos na ocupação da mão-de-obra nos setores em Garopaba.	39
012	Número de residências com fornecimento de energia elétrica segundo consumidores totais e turistas no município de Garopaba-Jan.97-Jan.98.	40
013	Período de funcionamento dos Hotéis, Pousadas e Camping em Garopaba. SC.	43
014	Comportamento da mão-de-obra por tipo de estabelecimento em Garopaba.	44
015	Mão-de-obra utilizada nos hotéis, pousadas e camping de Gãropaba.	45
016	Salário médio pago nos hotéis, pousadas e camping de Garopaba..	46
017	Movimento estimado de turistas em Garopaba- 1 996 e 1997.	48
018	Principais atrativos turísticos de Garopaba.	49
019	Faixa etária dos pescadores	57
020	Pescadores atuantes que atuaram na atividade de pesca em escala industrial.	58
021	Relação de Trabalho do pescador em Garopaba.SC	59
022	Situação dos pescadores quanto a propriedade de equipamento em Garopaba-1998.	60
023	Renda média dos pescadores: comparação das atividades na pesca e ligadas ao turismo.	63

LISTA DE ANEXOS

Nº	DESCRIÇÃO	PÁGINA
001	ROTEIRO PRELIMINAR DE TRABALHO	70
002	QUESTIONÁRIO PRELIMINAR PARA APLICAR NOS PESCADORES	71
003	QUESTIONÁRIO PRELIMINAR PARA SECRETARIA DE TURISMO DE GAROPABA-SC	72
004	QUESTIONÁRIO PRELIMINAR PARA: Hotéis, pousadas, albergues e camping	73

LISTA DE GRÁFICOS

Nº	DESCRIÇÃO	Página
001	Evolução dos fluxos turísticos SC-1983-1996	10
002	Desembarque de pescado na área catarinense e no município de Garopaba-1962/1996	32
003	Evolução de empreendimentos turísticos e leitos disponíveis em Garopaba.	35
004	Evolução do pessoal ocupado por setor.(1970, 1980 e 1991).	39

LISTA DE FIGURAS

Nº	Descrição	Página
01	Mapa da malha urbana da sede de Garopaba- 1997	51

LISTA DE FOTOS

Nº	Descrição	Página
01	Baleias na Praia de Garopaba- 1 996	11
02	Vista da praia e cidade de Garopaba- 1 994	51
03	Vista parcial da praia de Garopaba - anos 60	52
04	Vista da área pesqueira em Garopaba-anos 60.	53
05	Vista da área pesqueira em Garopaba- 1 998.	53
06	Vista parcial da praia de Garopaba-anos 60	54
07	Vista da sede de Garopaba-1997.	54
08	Vista da praia de Garopaba-costão norte- 1 997	55

RESUMO

O estudo da influência da atividade turística na pesca artesanal em Garopaba foi motivado pelo fato do desenvolvimento da economia local apresentar ligação com o desenvolvimento do turismo. Trata-se do estudo do processo de transformação da estrutura econômica sofrida pela comunidade, envolvendo o pescador e sua família. Em princípio, observou-se que os pescadores estavam deixando o trabalho na pesca para trabalhar no turismo e que, as técnicas de pesca artesanal, assim como da agricultura, não estavam sendo mais passadas para os jovens, como ocorria no passado. Observou-se também, que outras comunidades de Santa Catarina tinham sido afetadas pelo desenvolvimento do setor turístico. No período estudado, que compreende dos anos 60 aos 90; verificou-se a implementação de vários projetos na tentativa de melhorar as condições do pescador. Identificou-se, também, que a pesca e agricultura concentravam a maioria do pessoal ocupado na década de 60. Apesar de, no último período estudado, o setor de pesca e agricultura, permanecerem adiante na ocupação de mão-de-obra no município, a representação econômica do setor é pouco significativa em relação aos outros setores. A evolução do turismo na área foi identificada indiretamente, pois não havia pesquisa nas épocas iniciais. Identificou-se que a formação desta infra-estrutura turística, deriva, em maioria, de iniciativas externas. Devido ao desenvolvimento da atividade turística, foram identificados alguns impactos iniciais, ligados aos pescadores que também desempenhavam atividades na agricultura. Identificou-se também que na pesquisa de mão-de-obra o setor turístico atraiu pescadores, bem como suas famílias. Identificou-se também problemas na ocupação da mão-de-obra no setor turístico devido a sazonalidade. A pesca, em meio a esta situação, foi impactada com uma atividade de baixa renovação na sua mão-de-obra, e o pescador foi encontrado em diversas atividades existentes no município, tanto as ligadas diretamente a infra-estrutura turística quanto aquelas que se desenvolveram em meio ao desenvolvimento geral do município, que são atribuídas como atividades indiretas ao setor turístico. Com isso, verificou-se no seio da atividade de pesca artesanal em Garopaba modificações em nível de renda, nas relações de trabalho, na propriedade dos meios de produção e venda de equipamentos. Percebeu-se, assim, que a pesca veio, ao longo do período, perdendo espaço na ocupação de mão-de-obra do município e que o turismo teve uma participação efetiva na condução da decadência da pesca, atraindo pescadores e familiares para o trabalho nas atividades turísticas, bem como, em outras atividades que se desenvolveram em prol do turismo.

CAPÍTULO I

1. O PROBLEMA

1.1 - INTRODUÇÃO

O crescimento do turismo nas últimas décadas propiciou várias modificações estruturais e econômicas em diversas comunidades. Em Garopaba, a pesca artesanal, parece ter reduzido sua importância frente aos outros setores, que se desenvolveram frente ao setor turístico.

O trabalho trata de relacionar, em parte, o declínio da pesca artesanal no município de Garopaba, frente ao desenvolvimento do turismo na área.

No capítulo 1 (um), apresenta-se a problemática, os objetivos e a metodologia. No capítulo 2 (dois), trata-se de apresentar o referencial teórico, relaciona-se o turismo com desenvolvimento e os possíveis problemas da atividade turística. Depois abordam-se outros trabalhos sobre comunidades tradicionais em Santa Catarina e, finaliza abordando a pesca. No capítulo 3 (três), apresenta-se o município de Garopaba como núcleo pesqueiro. Começa por apresentar as peculiaridades inicial de Garopaba. Em seguida, aborda o setor de pesca no município, apresentando a situação da pesca em Garopaba da década de 60 a de 90. No capítulo 4 (quatro), apresenta-se Garopaba como núcleo turístico. Tenta-se apresentar a fase inicial e a atual situação do turismo no município, frente a estrutura atual do município. No capítulo 5 (cinco), tenta-se relacionar a atividade turística do município com o declínio da pesca artesanal em Garopaba. Por fim, no capítulo 6 (seis), apresenta-se as conclusões do trabalho apontando os impactos do turismo na pesca artesanal, bem como, os impactos no meio ambiente.

1.2 - PROBLEMÁTICA

Com o crescimento da atividade turística nos anos 80, o litoral catarinense, por apresentar condições propícias à atividade turística de veraneio, sofreu grandes modificações estruturais e econômicas.

Participando desse processo, o município de Garopaba, no litoral Sul catarinense, apresenta também grandes modificações estruturais. Vindo de uma economia centrada principalmente na agricultura e na pesca, e no princípio abrigando uma armação¹ de pesca de baleias, Garopaba apresenta, hoje, o agregado "indústria, comércio e serviços" bem representativo, conforme tabela 01, onde pode-se perceber o domínio destas atividades na composição do PIB municipal em 1996.

Na verdade, o turismo no município começou a despontar já nos anos 70, quando os primeiros turistas chegaram, encantados com a beleza natural da área e, hoje, recebem-se turistas vindos de diversas partes do país e do MERCOSUL.

TABELA 01
População total, valor adicionado fiscal, PIB municipal e PIB Municipal per capita no município de Garopaba. – 1996

População total		11.718	
Valor adicionado fiscal 1996	R\$ 1,00	Agropecuária	70.919
		Indústria Comércio Serviços	5.556.395
	R\$ 1,00	Total	5627.314
PIB municipal 1996	Total (a)	R\$ 1,00	9.819.684
	Percapita(b)	R\$ 1,00/hab	838,00

(a) PIB Municipal = valor adicionado municipal x PIB SC/Valor adicionado SC.

(b) PIB Municipal percapita = Valor adicionado municipal x PIB SC/Valor adicionado SC/População do município.

Fonte : IBGE, 1997 Relatório parcial (Mimeo).(Florianópolis.SC).

Foi no decorrer das décadas de setenta e, principalmente, de oitenta, que as modificações estruturais começaram a se intensificar. Conseqüentemente, surgiram novas

¹ Nome dado as comunidades que desempenhavam atividades de pesca de baleias.

oportunidades de trabalho, e a economia local do município, hoje, parece estar apoiada em diversos setores, diferentemente do que acontecia antes, quando a ocupação da mão-de-obra era em grande maioria concentrada nas atividades de pesca e agricultura.

O movimento turístico no município aparece sob diversos aspectos. Os hotéis, pousadas e camping são indicadores evidentes da atividade no município. No verão o município fica repleto de turistas, exigindo diversas atividades complementares na área de alimentação, diversão, segurança, saúde, entre outros serviços diversos, etc. Trata-se de serviços que aumentam momentaneamente a oferta de empregos.

Em contrapartida, a atividade de pesca artesanal, que era considerada a mais importante do município, nestes últimos anos pareceu estar perdendo sua posição, tanto em ocupação de mão-de-obra, quanto em importância econômica². Com o aparecimento de outros setores econômicos, provavelmente promovidos pela atividade turística, novas e variadas oportunidades de trabalho vem diversificando a oferta de empregos neste município.

Na verdade, a pesca artesanal, em sua própria estrutura, careceu de atendimentos emergenciais nas últimas décadas. Nos anos 60, as preocupações quanto ao setor pesqueiro já eram necessárias devido à precária situação em que se encontrava. Desta maneira, foram criadas várias cooperativas e ministrados cursos de capacitação, treinamento, conscientização e técnicas de trabalho, além de condições de financiamentos para compra de maquinário. Parece que com isto o pescador adquiriu melhores condições de trabalho e mais qualidade de apresentação do produto ao consumidor final.

Nesta mesma época, o turismo despontava já como um setor promissor. No entanto, a atividade turística, enquanto nova, não pertencia ao vocabulário do morador nativo. O pescador não tinha noção do desenvolvimento do setor turístico, não entendia de valorização imobiliária, muito menos conseguiu antever as conseqüências do desenvolvimento da atividade turística em seu meio de produção e de vida, entregando terras a preços considerados irrisórios na atualidade.

Emerge, assim, um tema de claro interesse, para quem se preocupa com questões de desenvolvimento local em Santa Catarina: focalizar a situação do setor de pesca em Garopaba, no sentido de analisar em que condições se encontrava quando da explosão

²Com a industrialização da atividade pesqueira, a pesca artesanal praticamente perdeu seu espaço no mar. Com capacidade de produção superior, a pesca em escala industrial é considerada uma das causas da decadência da atividade de pesca artesanal de modo geral.

do setor turístico e a trajetória apresentada desde então, o que poderá ajudar a entender a atual situação do setor. É claro que as mudanças na pesca não se relacionam só ao turismo: a pesca artesanal vem sofrendo a concorrência da pesca em escala industrial, ponto que não pode ser negado. Mas o impacto do turismo parece irrefutável: não é possível acreditar que pescadores fiquem mantendo a atividade única e exclusivamente para ser palco de atrações turísticas, enquanto de outro lado outras atividades crescem, aproveitando as oportunidades que o setor turístico oferece. Desta maneira, é reforçada a idéia de que o setor turístico tenha proporcionado ao pescador e sua família novas alternativas de renda e melhor qualidade de vida, atreladas à um outro meio econômico, diferente da sua realidade anterior.

A história do município está ligada à história do desenvolvimento colonial, assim como outros municípios do litoral catarinense. Com o turismo, parece que toda uma importante herança cultural de peso está desaparecendo. As técnicas de pesca artesanal, assim como da agricultura, não são mais passadas para os jovens, como ocorria no passado, e representam atividades quase sem futuro. Isso parece inexorável, ainda mais quando outro setor ganha vulto crescente, prometendo maior retorno para os investimentos.

O turismo ganhou, assim, terreno no litoral de Santa Catarina. E em Garopaba não foi diferente. Entretanto, a atividade turística no município, no momento em que começou a explodir em demanda, esteve longe de ser considerada pelas sucessivas administrações municipais como área de prioridades. Pode-se observar um crescimento desordenado na orla marítima da praia de Garopaba, com casas construídas junto à praia, sem nenhum padrão urbanístico. Mas as qualidades oferecidas pelas próprias características naturais levaram o município a uma posição de destaque turístico entre as demais localidades litorâneas próximas.

É frente a esta situação que o trabalho toma posição, e procura focar o turismo como uma "nova" atividade que, se já cresceu, poderá crescer ainda mais em Garopaba. Um correto planejamento, guiado por conceitos de conservação ambiental, poderá levar à manutenção da atividade de maneira a promover desenvolvimento que beneficie a todas as camadas sociais, reduzindo os riscos para o meio ambiente.

Diante do que é visto no cotidiano, as modificações na comunidade de Garopaba requerem uma análise que vão além da simples observação. Aprofundar o entendimento sobre os impactos causados pelo desenvolvimento turístico implica estudar todo um processo de transformação da estrutura econômica sofrida pela comunidade. As

modificações estruturais, de renda e emprego, bem como os novos meios de sustentação da economia local, são fatos que extrapolam as condições de desenvolvimento tradicional da área, ligada ao setor pesqueiro, tradicional da vida econômica do município

Postula-se que o turismo é o principal fator causador das modificações na estrutura produtiva no município de Garopaba. A instalação da oferta turística, consubstanciada na construção de hotéis, pousadas e restaurantes, entre outras atividades, redirecionou a ocupação da mão-de-obra local, deixando a agricultura e a pesca com menor representação relativa na economia do município.

As conseqüências do crescimento turístico não parecem se esgotar nas modificações dos níveis de estrutura produtiva e organização social, entretanto. Envolvem também modificações ambientais e socioculturais, sendo de importante valor o estudo destes aspectos para apurar os efeitos do desenvolvimento turístico no município de Garopaba.

1.3. OBJETIVO GERAL :

O trabalho visa estudar a pesca artesanal em Garopaba frente à explosão turística da área.

1.3.1. OBJETIVO ESPECÍFICO :

- Fazer um levantamento da atividade da pesca artesanal no município de Garopaba, a partir da década de 60, analisando seu comportamento até a década atual: pretende-se apontar a evolução dos volumes de desembarque e, se possível, das relações de propriedade;

- Analisar a dinâmica do turismo no município, indicando a evolução da demanda e oferta turísticas, o envolvimento da população local no turismo e os possíveis impactos.

- Relacionar os setores pesca artesanal e turismo, tentando perceber o quanto a evolução do turismo pode ter impactado a pesca artesanal, positiva e negativamente (no primeiro caso, criando mercado - restaurantes, etc; no segundo, atraindo pescadores para o trabalho no turismo, por exemplo).

1.4. METODOLOGIA :

O método utilizado foi o histórico dedutivo para analisar as características iniciais dos setores. Através de pesquisa direta, com questionários específicos, apresentados em anexo, foram coletados os dados primários tanto para o setor de pesca quanto para o setor turístico. Os dados secundários, pertinentes à avaliação da situação do setor da pesca artesanal no município, foram coletados através de pesquisa documental, junto aos órgãos responsáveis: EPAGRI , IBAMA, ACARPESC, trabalhos já realizados na área, entre outros.

Em relação ao turismo, os questionários foram aplicados nos hotéis, pousadas, camping e na Secretaria de Turismo do Município. Os dados secundários foram coletados nos relatórios da SANTUR, bem como uma pesquisa em periódicos especializados.

CAPÍTULO - II

REFERENCIAL ANALÍTICO: CRESCIMENTO DO TURISMO EM COMUNIDADES TRADICIONAIS E TRANSFORMAÇÕES LOCAIS

2.1 – INTRODUÇÃO

O presente capítulo pretende fornecer um referencial para o estudo de que se trata neste trabalho, basicamente voltado para as relações entre turismo e desenvolvimento econômico local em comunidades tradicionais. Na primeira parte, procura esclarecer o significado do turismo e assinalar a sua evolução em nível mundial, nacional, estadual e regional, de modo a deixar claro que o crescimento deste setor é geral. Em seguida, aborda-se o tema relativo às relações entre o crescimento turístico e desenvolvimento regional, em que aquele setor é visto como possível mola impulsionadora do crescimento econômico em nível regional. Em terceiro lugar, trata-se de problemas derivados da atividade turística, principalmente no que se refere ao meio ambiente. Depois, abordam-se outros trabalhos sobre a atividade turística em comunidades tradicionais de Santa Catarina e, por fim, focalizam-se as características da atividade de pesca artesanal, suas particularidades e dificuldades.

2.2. - TURISMO EM SANTA CATARINA

O turismo admite várias definições, devido à sua complexidade e abrangência, e sua identificação é pertinente para os objetivos do estudo de que se trata neste trabalho. De fato, as definições são influenciadas conforme os interesses sejam estatísticos, comerciais, econômicos e até mesmo jurídicos. Entretanto, é geralmente a partir do turista - no sentido de que consiste em pessoa que executa certas atividades que não são habituais no seu cotidiano - que se pode definir a atividade. No entanto, a atividade turística não envolve somente ao turista, mas sim também àqueles que esperam o turista, e entre todos um grupo de fatores - climáticos, geográficos, estruturais, etc - que garantirá ao turista uma estrutura capacitada para a atividade turística(SANTOS, 1993).

Nesse movimento de caracterização da atividade parece útil pensar em um exemplo, pois isso possibilita um melhor entendimento. Uma pessoa viaja, saindo de sua residência em direção a outra cidade; neste primeiro movimento há o fator deslocamento; no entanto este fator isolado ainda não revela se o sujeito é ou não turista; é necessário

saber qual o motivo de sua viagem; pode-se supor que este sujeito esteja a procura de lazer, descanso e recreação em um local qualquer, conhecido ou não, que oferece uma quantidade de bens e serviços, permitindo a realização da viagem. Ora, segundo SCROFERNEKER (1981), o que vai determinar se um movimento é ou não turístico é o motivo, as pré condições que levaram a realizar o deslocamento. Contudo, outro fator importante é o lazer, em relação ao qual o sujeito está livre (de acordo com suas disponibilidades financeiras) para escolher as atividades que deseja para preencher seu tempo. Falta ainda identificar o fator tempo. A Comissão Estatística das Nações Unidas e a União Internacional dos órgãos Oficiais de Turismo (UIOOT) condicionaram, desde 1968, que o visitante, para ser turista, deve permanecer ao menos 24 horas no local.

Define-se então o turismo como

"uma modalidade de lazer que implica no deslocamento das pessoas de um local para outro, que não de sua residência habitual, visando ao descanso, à recreação e mesmo, ao conhecimento de outras áreas (com recursos naturais e ou culturais) ou, ainda, ao seu reencontro com locais já conhecidos." (SCROFERNEKER, 1981, p. 416)

Acrescentando, então à definição de SCROFERNEKER (1981) o fator tempo, têm-se que as atividades do viajante na cidade vizinha devem ser de pelo menos 24 horas.

O turismo é uma atividade que vem desenvolvendo-se ao longo da história, acompanhando a evolução dos meios que permitem a sua concretização. Com as mudanças do mundo moderno, especialmente alguns fatores sócio-econômicos, o turismo ganhou espaço considerável. Em outros tempos o homem já fazia viagens e procurava sossego junto à natureza. Na medida em que as cidades cresceram, juntamente com as fábricas, aliado à expulsão do homem do campo e aos melhoramentos das leis de trabalho, com folgas semanais e férias, a atividade ganhou maior impulso. Mas foi após a segunda Grande Guerra Mundial que o setor começou a consolidar-se em escala mundial: os meios de transporte e de comunicações proporcionaram rapidez, segurança e conforto numa evolução que passou do automóvel ao avião (LAGE e MILONE, 1991).

A atividade turística, desta maneira, conquistou as economias nacionais, influenciou os órgãos públicos e mobilizou a criação de áreas afins, possibilitando o desenvolvimento do setor em vários países. Toda uma atividade meio e de apoio aparece na formação do produto turístico. Sobre a definição de produto turístico, SESSA (1983) indica que se trata de um "composto de atividades e serviços"(p.36) que, implementado em nível local, possibilita ao turista a prática da atividade turística. As atividades meio e de apoio

são responsáveis pela garantia de toda uma estrutura que dá sustentação ao desenvolvimento do turismo.

No Brasil, o turismo acompanhou o movimento global, com a criação do Sistema Nacional de Turismo, em 1966, com o objetivo de estimular o desenvolvimento turístico nacional e internacional (SANTOS, 1993). A atividade começou a apresentar boa dinâmica a partir dos anos 70 e 80: a conta turismo no Balanço de Pagamentos sugeria que o país entrara em sintonia com os fluxos turísticos internacionais (LINS, 1993). De todo modo, a atividade ainda é fraca em relação ao resto do mundo e o Brasil ainda está longe de ser um destino conhecido dos grandes movimentos turísticos. "Com exceção do Rio de Janeiro, Amazônia, Nordeste e Pantanal nosso país é praticamente desconhecido no estrangeiro".(REVISTA MARES DO SUL, Ano 4, nº 14 , p.6)

Santa Catarina acompanhou o processo de desenvolvimento turístico brasileiro; um marco importante foi a elaboração em 1969 do I Plano de Desenvolvimento Turístico para a Região Sul, através do Ministério do Interior e da SUDESUL, que abrangia Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, levantando dados de interesse turístico. Convênios com a EMBRATUR e o BNH foram os primeiros passos para a criação da estrutura básica para o turismo, evidenciando, assim, que a atividade começava a ser considerada importante em nosso Estado(SANTOS, 1993, p. 40).

No entanto, é somente a partir da década de 80 que as atividades respectivas, começam a despertar um maior interesse por parte do governo quanto ao incremento da receita turística. (SANTOS, 1993) De fato, é nesta década que o setor turístico se consolida em Santa Catarina. O maior exemplo refere-se a Florianópolis, conforme nos aponta LINS (1991), onde destaca-se o crescimento dos pernoites turísticos no período de verão, passando de "890 mil em 1980/81 para mais de 3 milhões em 1989/90, sendo considerada a capital do estado como uma das cidades mais visitadas, em certas ocasiões" (LINS,1991 apud, LINS, 1993).

Mas o que de fato caracteriza o crescimento do turismo é a evolução da demanda, conforme apresentado na tabela 2 e gráfico 1, onde realmente demonstra uma linha de crescimento satisfatória. Destaca-se a temporada de 1989, item 7, com aproximadamente 1,5 milhões de turistas estimados. Seguindo num patamar idêntico os anos posteriores, marcando uma nova fase do turismo em Santa Catarina.

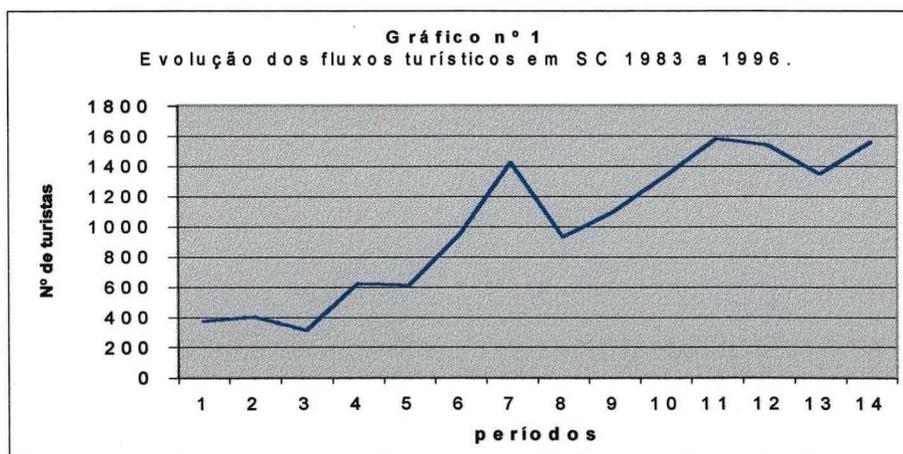
A vitalidade do turismo em nosso Estado, com base em fluxos tanto nacionais como internacionais, pode ser demonstrado principalmente por Balneário

Camboriú e Florianópolis. Em janeiro e fevereiro de 1996 passaram pelo Estado cerca de 2,2 milhões de turistas, 700 mil a mais que a temporada de 1995, e as receitas auferidas chegaram a US\$ 938,7 milhões, 47% acima da temporada de 1995. As cidades de Balneário Camboriú e Florianópolis foram as que registraram maior crescimento no fluxo turístico: receberam aproximadamente 717.300 e 420.560 turistas respectivamente. (REVISTA MARES DO SUL, ano 4, nº 15, maio-junho de 1997, p. 30)

TABELA 02
Evolução dos fluxos turísticos em SC 1983 a 1996.

ITEM	Anos	Nº de turistas (mil)
01	1983	371
02	1984	401
03	1985	314
04	1986	626
05	1987	611
06	1988	953
07	1989	1.427
08	1990	931
09	1991	1.102
10	1992	1.339
11	1993	1.583
12	1994	1.540
13	1995	1.350
14	1996	1.561

Fonte: Plano de Expansão turística de SC Projeto: Estudo da Demanda turística SC Período jan/fev/1983 a 1996



Nos últimos anos, os pacotes turísticos oferecidos no Nordeste do país têm originado mudanças nos fluxos turísticos. No entanto, tanto os números relativos a Florianópolis e Balneário Camboriú quanto os dados da tabela 2 demonstram crescimento da atividade no Estado frente à concorrência apresentada. Desta maneira, considera-se que a qualidade dos atrativos turísticos no Estado, evidenciada por sua natureza(mar,

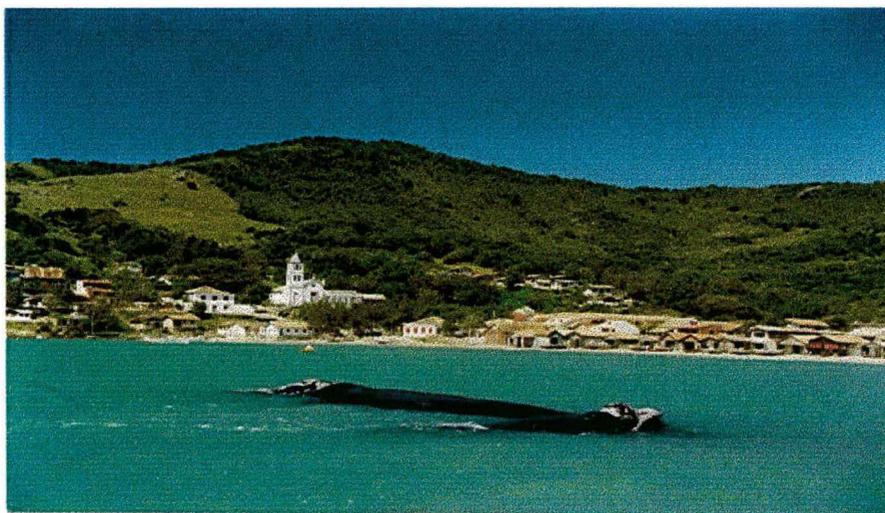
montanha) inserida em uma estrutura histórico-cultural atraente, exerce forte poder sobre os visitantes, o que lhe assegurou um crescimento considerável (REVISTA MARES DO SUL n.º 15 -1997)

A região sul, sobretudo entre Garopaba e a divisa com o Rio Grande do Sul, apesar de ser considerada área de baixo movimento turístico, apresenta boa performance. Existe uma diversidade de potencialidades: o setor abrange as possibilidades de atrativos culturais herdados da colonização açoriana, bem como áreas propícias ao ecoturismo; há também, na região, o turismo ferroviário e de águas termais.

A organização deste potencial em forma profissional poderá levar a região a obter grandes possibilidades de crescimento (MORETTO NETO, 1997). Uma atividade que está surgindo nessa área é o aproveitamento da visita das baleias, que vem fazer das águas catarinenses sua maternidade; elas procuram as enseadas que antigamente abrigavam as armações de caça à baleias, para descansar e amamentar seus filhotes. A Argentina fez gerar em 1993 US\$ 27 milhões com o "turismo de Baleias" . (REVISTA MARES DO SUL n.º 2 - primavera de 94, p. 10)

A definição do turismo voltado para a observação de baleias no litoral sul pode mudar a trajetória da atividade turística na região, juntamente com os outros recursos naturais lá existentes, e o setor poderá ganhar novo impulso de crescimento. A criação de postos de observação com infra-estrutura básica, que não prejudiquem as condições ambientais, são primordiais para dinamizar a modalidade e atrair mais demanda.(REVISTA MARES DO SUL, n.º 2, primavera de 94, p. 10).

FOTO 001
BALEIAS NA PRAIA DE GAROPABA-1996



Fonte: Secretaria de Turismo- Garopaba.SC.

2.3 - *TURISMO E DESENVOLVIMENTO*

Não são poucos os estudos que procuram enfatizar que a atividade turística pode auxiliar as economias nacionais menos desenvolvidas. Entretanto, os efeitos negativos são igualmente importantes. De fato, se as antigas estruturas da atividade econômica de certas regiões são ampliadas, as mudanças tanto positivas quanto negativas, entre outros efeitos da atividade turística, de maneira geral, podem ser analisados segundo os impactos em termos de desenvolvimento econômico.

Mas o que significa desenvolvimento econômico ? A primeira coisa a realçar é que o desenvolvimento econômico não se confunde com crescimento econômico. O primeiro diz respeito aos aspectos qualitativos, junto as pessoas, da ampliação do produto. O segundo refere-se ao aumento quantitativo do produto de uma nação.(SOUZA, 1995). O desenvolvimento é definido por SOUZA (1995, p.17) "(...) pela existência de crescimento econômico contínuo, em ritmo superior ao crescimento demográfico, envolvendo mudanças de estruturas e melhoria de indicadores econômicos e sociais per capita". Acrescenta-se ainda como importante, no desenvolvimento econômico, o " fortalecimento da economia nacional" e a maior "(...) estabilidade e diversificação " da economia.

O desenvolvimento econômico, em sua essência, está envolvido com outros índices, muito mais que o simples crescimento da renda per capita. Medidas como elevação do nível de vida, através da disponibilidade de boa alimentação, serviços de saúde, educação, segurança, possibilitados pela melhor distribuição de renda, são os indicadores de desenvolvimento econômico. A má distribuição de renda não permite acesso às mínimas condições, acima apresentadas, que seriam dignas de um ser humano.

Neste sentido, a renda per capita não é o único elemento que descreve o desenvolvimento de uma nação. "Seu valor pode ser insuficiente para refletir corretamente os diferenciais de desenvolvimento entre países ou regiões"(SOUZA, 1995 p.18). Isto ocorre porque, em média, ela esconde os diferenciais de concentração de renda para cada região e, sendo o conceito de desenvolvimento atrelado à idéia de melhor nível de vida, elevação de consumo e produtos em geral, a renda per capita não é por si só uma variável suficiente.

Ocorre que o desenvolvimento tende a ser diversificado espacialmente e, assim, é possível separar as diferentes áreas de desenvolvimento em um país ou estado,

definindo os diferenciais existentes. A ocorrência do desenvolvimento diferenciado em cada região está ligado aos aspectos de localização, recursos naturais, materiais e de transporte, bem como à própria população, ou seja, à própria dinâmica local. Uma boa distribuição de bens e serviços de uma região são primordiais para o seu desenvolvimento. Os meios de ligação entre regiões, os recursos materiais e naturais são condições implícitas para promover o desenvolvimento econômico.

O desenvolvimento regional ligado ao turismo estrutura-se nas características diferenciadas que certas regiões possuem, características estas ligadas às condições naturais e culturais. Tendo a região potencial de atração turística, cabe então entender como o desenvolvimento da atividade pode promover o desenvolvimento econômico. Segundo KADT (1981), o turismo seria um meio propulsor do crescimento econômico e as condições naturais seriam o principal impulsionador do desenvolvimento turístico. Este potencial natural agiria como um meio propulsor natural; a sua administração planejada seria primordial para atrair investimentos, gerando, talvez, aumento de riqueza e desenvolvimento social da população local.

A demanda turística condiciona o aparecimento de uma oferta turística. Os gastos dos turistas levam ao incremento do consumo e a necessidade de uma maior oferta refletindo em outros setores da economia. Segundo LAGE e MILONE (1991), são cinco os principais efeitos multiplicadores no sistema econômico, ligados ao setor turístico. Os multiplicadores relacionados à atividade turística são: renda, emprego, produto, importações e as receitas do Governo. Todos têm relação com os gastos dos turistas, cabendo então um bom planejamento do setor turístico para que o potencial natural possa ser utilizado racionalmente na região ou nação.

A industrialização, por exemplo, pode promover o desenvolvimento econômico. No entanto, seus efeitos podem ser desoladores, dependendo do tipo de indústria envolvida. Com a industrialização ocorrem alterações estruturais na economia. Surgem outras indústrias complementares, o produto da economia aumenta e ocorre movimento migratório intra regional modificando a oferta de mão-de-obra, alterando as condições regionais para promoção do desenvolvimento. O movimento migratório é explicado pela alteração do modo de produção ou surgimento de outros setores na economia local. Neste sentido, a migração pode ser a nível regional ou setorial. (KON, 1995).

Mas, não é só a indústria que poderá acarretar problemas para as regiões. É importante ficar atento aos impactos das modificações estruturais causadas em cada região quando da implementação de uma atividade muito mais dinâmica na economia local. No caso, o turismo. ADELMAN (1972), já lembrava ser necessário um cuidado todo especial em relação aos impactos sobre os aspectos culturais, de colonização, modo de organização e sobre os recursos naturais. De todo modo, os impactos negativos que podem ser atribuídos à atividade turística estão principalmente relacionados, segundo LAGE e MILONE, (1991): com a capacidade dos gastos do turista, que é diferente do morador nativo; também com prioridades dos investimentos; bem como aos problemas sociais e ambientais.

Os efeitos sobre as economias nativas nas regiões atingidas pelo setor turístico têm a ver com o fato de que este apresenta modificações em vários aspectos. São alterados as relações de trabalho, a ocupação da mão-de-obra, as fontes de renda e os costumes locais. Enfim, uma gama de efeitos atua sobre a economia quando do aumento da demanda turística. A elevação da renda atrai, de outro lado, investimentos, criando oferta de empregos. Isso, ao menos potencialmente, oferece ao nativo da região uma nova oportunidade de aumentar sua renda face à atividade que desenvolvia anteriormente.

Mas, as relações de trabalho são muitas vezes de caráter informal, devido à sazonalidade, impedindo investimentos que garantam o emprego fixo durante todo ano. Além disso, a baixa qualificação exigida estimula a transferência de mão-de-obra em massa proveniente de setores em declínio ou de pouca viabilidade, pelo fato do setor turístico oferecer um retorno mais rápido dos investimentos.

Mesmo assim, várias economias nacionais menos desenvolvidas tentaram no turismo solução para seus problemas sócios-econômicos. Muitas evidenciaram modificações, sem que, no entanto, as expectativas fossem alcançadas de forma satisfatória. Além disso, as modificações culturais e sociais ajudaram a evidenciar o efeito negativo da atividade. Por outro lado, geralmente, o "trabalhador do setor turístico ganha aproximadamente quatro quintos de um trabalhador da indústria"(ULLA SAAL, 1987,p. 8). Antes, porém, de terem sido evidenciadas as conseqüências desanimadoras do desenvolvimento da atividade em muitas regiões, as prioridades quanto ao setor fizeram parte das políticas centrais de desenvolvimento.

A pressão inflacionaria é outro fator que castiga os moradores nativos. Segundo LAGE e MILONE (1991, p. 96), quando a região ou país é muito intensiva em

atividade primária o impacto inflacionário tende a ser mais elevado pois os produtores, na expectativa de melhores salários, preferem mudar de atividade, o que acarreta na redução da produtividade e redução da oferta de produtos primários, pois na alta temporada ocorre aumento da demanda turística.

Soma-se, geralmente a todos esses efeitos negativos, a sazonalidade do movimento turístico, provocada por fatores diversos, tais como: climáticos, ligados às estações do ano; ou estruturais, que requerem certos cuidados. Por exemplo, regiões onde o turismo aparece como principal atividade, podem acusar efeitos negativos na época de baixa temporada, como a manutenção do emprego e, conseqüentemente, da renda. LINS (1994, p. 2) adverte no sentido de que se deve ter um cuidado todo especial na implementação da atividade, assinalando que " o exclusivismo turístico deve ser evitado porque fragiliza a economia local." Sugere que a organização de políticas de desenvolvimento deve redirigir para a diversificação da economia, evitando " a armadilha da " monocultura" do turismo".

Outro fator que alude ao problema do desenvolvimento promovido pela atividade turística foi o impacto sócio ambiental que ocorreu nas regiões que apresentaram evidências de crescimento econômico. A introdução da idéia do desenvolvimento sustentável, para reduzir os efeitos do desenvolvimento da atividade turística sobre o meio-ambiente, ficou muito tempo deixada de lado, pois o caráter "desacelerador" da idéia de sustentabilidade foi de encontro a uma atividade que prometia retorno rápido aos investidores. Por isso, a idéia de sustentabilidade foi ignorada por muito tempo, tanto pelas autoridades, quanto pelos investidores, e os impactos negativos atribuídos ao desenvolvimento econômico são geralmente percebidos em qualquer região que sofreu influência do turismo de um modo geral.

O conceito de Desenvolvimento Sustentado, foi desenvolvido em meio às turbulências que o crescimento econômico "causava" sobre o meio ambiente. É por isso que o conceito contempla uma íntima ligação entre sustentabilidade do desenvolvimento e preservação do meio ambiente, deixando claro que é difícil sustentar o desenvolvimento de uma nação sem o controle do uso de suas reservas naturais.

MORETTO NETO (1993), coloca o desenvolvimento sustentado relacionado na melhor construção da sociedade, refletindo em "(...) trabalho, alimento, moradia, lazer, educação, (...) e acima de tudo por relações mais equilibradas entre os homens e o meio ambiente."(p.37). Assim, é primordial um planejamento, não só das atividades do turismo mas de todas as variáveis que porventura a região possuir como

potencial de atração, e que o desenvolvimento poderá impactar negativamente em termos de qualidade.

A atividade turística pode representar problemas para as comunidades envolvidas, atingindo um lado muito frágil, o que requer uma consciência mais apurada dos impactos que porventura poderão acontecer. Os efeitos sócios-culturais e ecológicos são os mais freqüentes, os primeiros provocados pelo contato direto entre duas culturas diferentes, turista e nativo, e o último pelo agravamento da urbanização, em terrenos antes preservados do efeito provocado pelo desenvolvimento turístico. (SANTOS, 1993).

Os impactos causados pelo desenvolvimento econômico industrial podem sugerir temas para análise do processo do desenvolvimento da atividade turística. A necessidade de manter o desenvolvimento econômico regional tende a ferir as condições ambientais e a manutenção dos níveis aceitáveis de conservação das reservas naturais, considerados como potencial de atração turística.

As condições regionais são primordiais para o setor turístico e sua utilização de modo racional e sustentável é a base para um processo de desenvolvimento que tem na preservação ambiental o seu aspecto principal.

Conforme aponta SESSA (1983, p. 38), as características naturais e culturais seriam a matéria prima para a atividade turística. O mesmo autor compara estas características com as "riquezas minerais e petrolíferas" e, desta forma, considera as características naturais como elementos chaves para proporcionar crescimento local, capaz de promover o desenvolvimento.

O ecoturismo parece ser uma modalidade interessante e, se levada a sério, poderá evitar os impactos da atividade turística tradicional. Com a preocupação sobre a degradação ecológica, as atividades turísticas que envolvem a conscientização em nível ambiental tende a criar no turista uma consciência ecológica que lhe permitirá aprender sobre os recursos naturais, bem como, saber a importância de sua preservação. No mundo já são 50 milhões de praticantes; no Brasil, essa cifra chega a meio milhão de pessoas, com dinâmica de crescimento superior a 15% ao ano (REVISTA MARES DO SUL, nº 15, 1997).

Uma avaliação mais apurada sobre os impactos sociais apresenta-se como forma de avaliar a influência do setor turístico sobre o desenvolvimento econômico. (KADT, 1981) As reações em contrário ocasionadas pelas modificações "sociais e

culturais", bem como pelos efeitos sobre os frágeis ecossistemas, derivados do crescimento habitacional, devem ser melhor avaliados.

2.4 - O SETOR DE PESCA

A pesca é uma atividade que vem desde os primórdios da humanidade, e sua evolução através da história passou por diversas modificações. A introdução da frota motorizada foi uma marcante evolução na atividade pesqueira. Mas, neste século, as modificações tomaram rumos ainda mais extremos: com o uso de equipamentos eletrônicos a pesca tornou-se ainda mais eficiente (e predatória). No entanto, ainda existem pescadores que pescam na costa. Pequenos produtores que resistem às modificações do setor pesqueiro e continuam utilizando equipamentos com pouca inovação tecnológica e baixa produção.

A princípio, o incremento tecnológico aumentou a capacidade produtiva, mas, o caráter predatório escasseou a fauna marítima, principalmente as espécies costeiras. Aliado a este fator, DIEGUES (1983, p. 57) evidenciou que "o conceito de mar como propriedade comum, de livre acesso a todos" foi também um condicionante deste processo de escassez do pescado. Mas segundo relatório da FAO - Organizações das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação, (1983), o aproveitamento da produção oceânica é muito baixo, apenas 2,25% da capacidade. Estima-se que no ano 2.000 este aproveitamento chegue aos 5%, representando um incremento de 82,4 milhões de toneladas. Daí, vê-se a importância do setor na atividade econômica como fornecedor de proteínas ao homem. (REVISTA AGROPECUÁRIA CATARINENSE, vol. 2, nº 4, 1989)

No Brasil, a pesca caracterizava-se até os anos 30 como "pequena produção mercantil" e na maior parte da costa brasileira havia a combinação desta atividade com a agricultura. Em 1967, o Decreto Lei nº 221, do Governo Brasileiro, deixou claro, embora atrasado, que a atividade de pesca, pelas características geográficas brasileiras, deveria ser transformada em uma indústria de base. Nesta época, então, são repassados recursos afim de ampliar o setor. Respondendo aos incentivos dados, o setor de pesca na década de 70 deu um salto na quantidade de pescado desembarcada, com grandes níveis de "automatização nas atividades de captura e industrialização" (DIEGUES, 1983, p. 2:3:51)

Em Santa Catarina, a pesca em escala industrial ampliou sua participação no volume de pescado desembarcado nas últimas décadas, enquanto que a pesca artesanal, ao mesmo tempo, veio perdendo espaço na participação deste volume. Concorrendo com

tantos fatores desestimuladores, a situação em nosso Estado demonstra, segundo Ivo da Silva³, que o pescador artesanal perdeu não somente em participação no volume pescado, mas também nos incentivos necessários à sua continuidade como pescador, tendo em muitos casos que mudar de atividade, afastando-se do mar para tornar-se favelado urbano. (REVISTA AGROPECUÁRIA CATARINENSE, vol. 2, nº 4, 1989)

2.4.1 - A PESCA ARTESANAL

Com a colonização açoriana no século XVIII, a pesca passou a ser atividade indispensável para as regiões ribeirinhas em muito pontos da costa catarinense, o que formou ao longo de todo o litoral as "comunidades pesqueiras". Tendo passado vários séculos, o sistema de pesca artesanal adquiriu características próprias.

Em estudo realizado na década de 60, LAGO (1968) classificou as comunidades da costa catarinense em quatro grupos, que, em resumo, poderiam ser assim referidos: A - Comunidades em que há predomínio da modernização dos equipamentos e aproveitamento do produto. B - Onde ocorre intensificação da comercialização do pescado, mas as formas de aproveitamento são as tradicionais; C - Comunidades com pouca mudança nas condições de trabalho, ausência de estabelecimentos de transformação do produto e baixo nível de renda dos pescadores e, D - Locais onde permanecem os utensílios e embarcações tradicionais com baixa produção. Garopaba foi classificada no grupo "C".

Entre os aspectos que identificam a pesca artesanal, LAGO (1969, p. 9) considera como realmente importantes os equipamentos, os utensílios de captura, as especificidades relativas às formas de apresentação do produto pescado ao consumidor, os esquemas de organização da força de trabalho e os níveis de produção, como características principais da atividade.

Já RIOS (1975:397 apud. BECK, 1983, p. 54),

"caracteriza-a pelo uso de embarcações e equipamentos de pesca rústicos ou equipamentos de baixo custo e pouco sofisticado. A produção não se organiza em grande escala, há proprietários de embarcações mas não há frotas. Em geral o proprietário da embarcação também é um dos pescadores, e as relações efetivas predominam nestas pequenas tripulações".

Pelas características apresentadas, percebe-se que o pescador não dispõe de muita tecnologia; a capacidade de evolução é muito mais atribuída às próprias capacidades

³Presidente da Federação dos Pescadores do Estado de Santa Catarina - 1989.

particulares acumuladas nos anos de profissão. O pescador só não sai para pescar quando o tempo(clima) não permite segurança suficiente, mesmo assim muitos arriscam e acabam morrendo pelo caminho. (Informação verbal de um pescador de Garopaba, entrevistado pelo autor) Quando o pescador fica impedido, como ocorre muitas vezes de exercer as suas atividades, pode-se considerar que ele fica disponível para outras atividades, porque em primeiro lugar ele precisa, pelo menos, manter sua renda e, em segundo lugar, pode pensar em ampliá-la.

Nas últimas décadas, com a diversificação da economia nacional e, no caso, especialmente a de Garopaba, surgiram diversas alternativas de trabalho, atraindo o pescador para outros setores. No caso o pescador quando limitado pelo período de defeso - onde o pescador fica impedido de pescar algumas espécies durante algum tempo previsto-, o excesso de tempo disponível poderá acarretar a busca de outras atividades. Desta maneira, nas áreas onde existe alguma diversificação na estrutura produtiva, é bem provável que ocorra uma migração temporária entre os setores existentes, como, por exemplo, da pesca para o trabalho em hotéis.

A função do período de defeso é criar no pescador a conscientização de que a proteção e a preservação das espécies de pescado são imprescindíveis na manutenção de sua atividade. É importante ver como o pescador se comporta diante desta situação. Neste sentido, cabe assinalar que a Delegacia Regional do Trabalho (DRT/SC) procura fazer um trabalho sério, colocando à disposição do pescador o seguro desemprego, capaz de assegurar ao pescador condições para complementar a sua renda neste período.

No entanto, alguns períodos de defeso coincidem com a época de pico nas atividades turísticas, como o defeso da anchova, que vai de 01.12 a 31.03, o do bagre, que vai de 01.01 a 31.03, o do camarão, que vai de 15.02 a 15.05. É justamente neste período que as atividades ligadas ao atendimento ao turista atraem o pescador na busca de aumento da renda familiar. Entre a dificuldade e o impedimento de pescar certas espécies de pescado, o pescador fica mais livre durante o dia de trabalho, podendo inserir-se em outras atividades oportunamente ligadas ao setor turístico.

2.5 - COMUNIDADES TRADICIONAIS E TURISMO EM SANTA CATARINA: OS ENSINAMENTOS DE ALGUNS ESTUDOS.

As evidências dos impactos nas comunidades tradicionais devido ao desenvolvimento da atividade turística já foram relacionadas por vários autores, principalmente naquelas localidades de colonização mais antiga, onde alguns traços de costumes, linguajar e hábitos antigos ainda persistem. Os estudos geralmente voltam-se para temas como a ocupação da mão-de-obra local, a exploração imobiliária, a valorização de terras, e as mudanças da paisagem natural.

Mas, além destes temas, o referente à pesca artesanal é fundamental nas comunidades historicamente envolvidas com esta atividade. Embora a sua decadência, se deva em parte à industrialização do setor, a pesca artesanal sofreu também forte influência do setor turístico: a valorização das áreas ribeirinhas, os aluguéis e a oferta de trabalho em serviços de apoio ao turismo modificaram a estrutura da renda familiar, bem como desestruturaram o pescador artesanal.

Um aspecto interessante no estudo da atividade pesqueira, verificado por (KERZONCUF, 1917 Apud: DIEGUES, 1983), é que uma das condições responsáveis pelo aumento da produção pesqueira teria sido a melhoria da integração dos meios de transporte, facilitando assim a comercialização do pescado. Ora este fator teria permitido, de outro lado, a fácil locomoção de massas humanas à procura de lazer em outras regiões, estimulando assim a evolução da atividade turística. Quando as viagens são empreendidas para as regiões costeiras, com tradição pesqueira artesanal, a presença do turista torna-se, talvez, um elemento que contribui para desestruturar as comunidades. Este fator pode ser evidenciado na infra-estrutura criada para atendimento do fluxo turístico: cresce a exigência de setores mais dinâmicos, especializados no atendimento ao turista.

Em estudo realizado na Barra da Lagoa, LINS (1993) aponta a influência do setor turístico na pressão imobiliária e no aluguel de casas, e no surgimento de empregos, o que, diante da decadência da pesca artesanal, configura uma nova alternativa para complementar a renda familiar do morador nativo. Nesta comunidade, no entanto, é costume deixar algum espaço de terra destinado às casas dos filhos, bem como a própria casa do nativo é preservada.

Não diferente do que ocorre na Barra da Lagoa, a comunidade de Santo Antônio de Lisboa aparece com características similares devido à influência do crescimento turístico. Podemos destacar que "a invasão da praia pelos turistas provoca, de imediato, a urbanização, o que gera um choque entre os valores do habitante primitivo - o pescador - e esse novo e inicialmente estranho elemento que vem de fora e que traz consigo os valores do mundo sofisticado da cidade"(MARTINELLO, 1992 p.88). É mais uma vez observado o efeito da urbanização como forte influência nas comunidades pesqueiras tradicionais, problema que abrange questões culturais e de princípios. Nestas comunidades, em época de verão o convívio entre os habitantes tradicionais e turistas traz também conseqüências na estrutura das famílias: nas palavras de MARTINELLO (1992), "a sensualidade do verão deixa marcas irreparáveis". No que compete ao pescador, esse autor retrata uma certa amargura quanto às mudanças ocasionadas pelo turismo e pela pesca industrial.

A comunidade de Sant`Ana, em estudo realizado por VIEIRA (1991), revela também influência do setor turístico a partir da implementação de serviços de apoio, bares e restaurantes, embora com funcionamento sazonal. Os efeitos se manifestam também na modificação na ocupação da mão-de-obra; devido ao declínio da atividade pesqueira, que no verão é mais fraca, o pescador busca ampliar sua renda direcionando seus equipamentos para a atividade turística, por exemplo, em viagens marítimas. Além disso, de que o turismo traz consigo a valorização das regiões próximas ao mar.

Em Governador Celso Ramos, de acordo com a edição da REVISTA MARES DO SUL (nº14-1997), observa-se que o turismo influencia no sistema de pesca artesanal. É de se notar que não existe nenhum incentivo no sentido de preparo para o setor, pois as mudanças na estrutura do investimento são feitas a partir da experiência própria adquiridas pelos habitantes locais, através dos anos. Falta, então, nesta comunidade, uma melhor preparação para os impactos gerados pela atividade turística. A implementação do ecoturismo nestas localidades, através da conscientização cultural e ecológica, ajudaria, talvez, na manutenção do porte colonial que ainda resta.

A Comunidade de Garopaba, em estudo realizado por TORRENS (1984), apresenta características ocupacionais semelhantes às comunidades anteriores citadas. A forte evolução do setor turístico impulsionou o desenvolvimento, modificando as condições iniciais de ocupação. A valorização da área habitacional, a ocupação da mão-de-obra e o desenvolvimento da atividade comercial são fortes reflexos do impacto da atividade turística. No entanto, a sazonalidade da atividade turística no município já era uma variável

evidente e acarretava desequilíbrios na economia local na baixa temporada, que passava a testemunhar ruas vazias e o comércio com baixa atividade. A pesca, apesar de fraca economicamente, ainda resistia e em alguns pontos já dividia espaço com bares e casas de turistas.

Para finalizar, pode-se considerar que a atividade turística tenha fortalecido, de alguma forma, algumas economias regionais. Em Santa Catarina, o crescimento da atividade foi evidente e, no começo, talvez não tenha recebido o cuidado e planejamento necessários, com vistas aos impactos que poderiam ter sido evitados. Os estudos sobre desenvolvimento econômico voltado para o setor evidenciaram que os efeitos negativos não foram poucos. A pesca assistiu também a muitas modificações. Embora a forma artesanal ainda persista em algumas "pequenas" comunidades, sua importância econômica não é mais a mesma de antigamente. A nova estrutura econômica que se desenvolveu em várias comunidades certamente, contribuiu para esse declínio. De fato, embora se tenha ressaltado muitos problemas na própria estrutura da pesca artesanal, os diversos estudos abordando comunidades pesqueiras da costa catarinense evidenciaram a presença da atividade turística como fator modificador das antigas estruturas.

CAPÍTULO - III

GAROPABA: IMPORTANTE NÚCLEO PESQUEIRO DE SANTA CATARINA

3.1 - INTRODUÇÃO

A pesca artesanal de Garopaba, que era o principal setor econômico do município, apresenta, atualmente, uma estrutura diferenciada em relação ao passado. Isso tem a ver com as mudanças na ocupação da mão-de-obra local e reflete na redução da importância da atividade pesqueira para a região.

Este capítulo apresenta, primeiramente, as peculiaridades iniciais da comunidade de Garopaba, relacionadas particularmente ao setor de pesca artesanal. Em seguida, aborda as características da pesca artesanal a partir da década de 60, até o início da década dos 90. No final, será apresentada uma seção para avaliar o comportamento da pesca artesanal de Garopaba no período como um todo. Assim, dar-se-á uma noção de como a pesca foi evoluindo com o passar dos anos, caracterizando a sua importância na economia local.

3.2 - GAROPABA: DOS PRIMÓDIOS À CONDIÇÃO DE MUNICÍPIO

Falar de Garopaba implica, necessariamente, falar da pesca artesanal, atividade que até pouco tempo era considerada a mais importante deste município. Seus primórdios, como não poderia deixar de ser, inserem-se na história do descobrimento do Brasil: em 1526 um certo D. Rodrigo de Acunã teria ancorado na Ponta do Galeão⁴, devido a um forte temporal. Os primitivos habitantes eram os índios Guaranis, justamente os responsáveis pela origem do nome Garopaba ("Lugar de barcos, enseada de barcos"), originado da junção entre Ygaratá, que significa barco, e Paba, que significa enseada. (GAROPABA, RESUMO HISTÓRICO)⁵

As primeiras famílias não nativas a tomarem sesmarias naquelas imediações, por volta de 1666, vieram sob o comando de um certo Antônio Afonso. Essas terras

⁴Costão sul da praia de Garopaba.

⁵O texto não possui autor nem data.

pertenciam até 1692 ao domínio de Marquez de Cascaes e, até 1726, integravam o domínio da Villa de Santo Antônio dos Anjos de Laguna, passando para a jurisdição da Vila de Desterro neste ano. (ROSA, 1905).

Em meados de 1700 tentou-se garantir a defesa do litoral catarinense pela introdução de açorianos e madeirenses, que espalharam pelo litoral uma nova cultura, uma nova maneira de ser, que dura até hoje, de certa forma.

A pesca da baleia, importante atividade desempenhada pelos açorianos em várias armações espalhadas pela costa catarinense, é um dos mais importantes referenciais históricos dos pescadores da região⁶. Garopaba parece ter sido inserida nesse processo entre 1793 e 1795. As armações de pesca de baleia fazem parte do processo político-militar de ocupação do litoral catarinense com base capitalista-colonialista, onde os lucros eram direcionados para a metrópole (Portugal). Cabe ressaltar ainda que esta atividade, devido às deficiências e pelo processo no qual foi instaurada, pouca importância teve no processo de desenvolvimento econômico de Santa Catarina.⁷ Inúmeras causas são assinaladas para explicar o declínio dessa atividade. Dentre elas, CUNHA (1982, p. 33) aponta "a concorrência de barcos estrangeiros, melhor equipados, possuindo barcos-fábricas, que livremente capturavam baleias no litoral sul brasileiro".

No entanto, a pesca da baleia pode ser observada ainda na primeira metade deste século, em pequena escala. Não existem estatísticas sobre isto, mas ainda há testemunhas vivas que contam sobre as baleias encalhadas na praia e sobre o cheiro insuportável.

A então armação de São Joaquim de Garopaba continuou se mantendo da pesca e da agricultura. Sobre a vila de Garopaba, no início deste século, ROSA (1905, p. 201, 203, 205), apontou, "antiga Armação para pesca de baleias, parece-me que o que a vila possui de casas, vem ainda daqueles tempos" (...) Em outra passagem, argumentou a importância da pesca, que mostrava, no início deste século, (...) "um rendimento provável de 40 (quarenta contos) anualmente (...) "E penso que só por mar poderá futuramente Garopaba ter importância" (...) De outro lado, via na região (...) "um cunho de pobreza e doença em todos os habitantes que bebem péssima água e alimentam-se de peixe seco e farinha de mandioca." Desta maneira pode-se concluir que o município era muito pobre e as condições dos moradores eram precárias.

⁶Para detalhamento desta atividade consultar SILVA, (1992).

Garopaba evoluiu, passando da categoria de Povoado para Freguesia em 1846, chegando a categoria de Vila em 1890. Em 1906 passa a fazer parte da comarca de Palhoça e em 1923 ao município de Imbituba, pertencente à Comarca de Laguna. Em 1930 voltou a ser Distrito de Palhoça e em 30 de dezembro de 1961 Garopaba é emancipada como município, permanecendo até hoje. (GAROPABA, RESUMO HISTÓRICO)

3.3 - PRINCIPAIS ASPECTOS DA PESCA ARTESANAL DE GAROPABA ENTRE AS DÉCADAS DE 60 e 90

A pesca artesanal, atividade que junto com a agricultura proporcionava a base alimentar da população, era pouco produtiva, mas os excedentes sempre eram vendidos, garantindo assim a sobrevivência. (CUNHA, 1982) Esta atividade, no entanto, não fazia parte de nenhum projeto governamental. Somente na década de 60 é que realmente a pesca artesanal passou a ter importância para as autoridades governamentais. Nesta época, a pesca já era instável. Segundo LAGO (1961), a produção não permitia obtenção de excedentes comercializáveis, principalmente, porque era completamente abandonada, desarticulada e improvisada, com rendas consideradas entre as menores do Estado. (FECOPESCA, 1969)

A atividade lavoureira era deixada para trás só quando da época de grande pesca (inverno). A oportunidade de auferir rendas maiores fazia com que ocorresse um deslocamento sazonal da agricultura para a pesca. É visto então que a pesca só era a atividade principal quando nos períodos de grande safra.

LAGO (1961) apresenta Garopaba como uma comunidade pesqueira enquadrada em situação sazonal, e comenta: " os descendentes de açorianos resistem à lavoura, embora sejam forçados a recorrer a ela". (p. 157)

Diante desta situação, foram implementados vários projetos com o intuito de melhorar as condições dos pescadores do Estado, em nível social e de produção, capacitando o pescador, melhorando seus equipamentos dando também base na área de saúde.

Em 1962, a FECOPESCA, através do Grupo de Ação Social, realizou um trabalho conjunto visando diagnosticar as condições do pescador artesanal na costa

⁷ Para maiores detalhes, consultar CUNHA, 1982, p. 31-35)

catarinense. O relatório apontou uma categoria em desarmonia, sem as mínimas condições que poderiam ser exigidas sobre condições de vida e trabalho na época. Na realidade, o trabalho visava dar ao pescador estrutura para que ele oferecesse ao mercado um produto com um nível de qualidade aceitável e a um preço final menor, escapando dos atravessadores⁸, pela organização ora proposta aos pescadores.

No Estado, então, até a década de 60, não havia uma preocupação com o setor de pesca, e a atividade se mantinha com muitas dificuldades. Esperava-se que com a organização da pesca, tanto em termos de produção quanto em termos de distribuição, ambas desorganizadas, um mercado inexplorado viesse dar condições de sustentabilidade aos projetos pretendidos.

As cooperativas então fundadas, em todo Estado, revelaram um contingente de aproximadamente 22.000 famílias, sendo que aproximadamente 60 % dos cadastrados eram homens pescadores atuantes. A atividade estava formada por aproximadamente 25% de pescadores que possuíam seu próprio equipamento de pesca e de aproximadamente 5,3% de pescadores que empregavam os outros 69,7%. É importante observar que sempre houve uma alta concentração dos meios de produção.

A atividade no Município de Garopaba, neste mesmo relatório, era composta da seguinte estrutura. Conforme tabela 3, possuía em sua cooperativa aproximadamente 600 famílias de pescadores, com 61,7% de homens ligados à pesca, sendo que 6,2% destes concentravam todos os meios de produção. Em equipamentos, possuía 37 embarcações, 20 baleeiras, 14 canoas, 31 redes e 16 ranchos, com previsão de construção nesta época de uma câmara de fabricar gelo de 20 toneladas, representando uma produção total de 5.410 (T), o que significava, na época, cerca de 10% da produção total das Colônias do Estado, ficando atrás apenas da Colônia de Itajaí, que participava com 17% da produção.

TABELA 003

Relatório cooperativa Garopaba e Total SC- Por propriedade de equipamento

Cooperativa	Nº. de famílias	Nº. de pescadores	Nº. de Proprietários de equipamento.			Nº de não proprietários
			Pesca coletiva	Pesca individual	Total	
Garopaba	580	370	23	-	-	347
Total-SC	21.795	15.031	798	3.744	4542	10.489

Fonte: FECOPECA-1962 - Projeto de financiamento

⁸ Agente local, ou não, que adquire o peixe direto do pescador e revende ao comerciante para consumo final. Geralmente tem grande poder de barganha para determinar o preço e a garantia de compra/venda, considerado um dos problemas da pesca artesanal.

O relatório não identificou pescadores que atuassem individualmente no Município de Garopaba, conforme tabela 3. Desta maneira, os 93% de pescadores restantes trabalhavam no sistema de divisão da produção, revelando uma alta concentração do setor em Garopaba. Garopaba possuía também uma salga, cujo dono, um antigo pescador, financiava compras de equipamentos de pesca em troca de pescado fresco que era transportado para Tubarão, Itajaí, Criciúma e Florianópolis. Hoje, no local da salga, encontra-se instalado um hotel.

A importância da pesca em Garopaba, não só para o município, mas para o Estado de maneira geral, pode ser demonstrada pela tabela abaixo, onde constata-se que 10,9% da produção que era vendida para outras regiões pelas comunidades catarinenses provinham de Garopaba.

TABELA 04
Venda do Pescado oriunda das localidades catarinenses.

Local	Quantidade (Mil Kg)	Participação %
Piedade	360	3,5
Canto dos Ganchos	547	5,45
Ganchos do Meio e Fora	1.356	13,49
Itajaí	1.477	14,68
Imaruí	1.007	14,68
Florianópolis	3.611	35,90
Garopaba	1.106	10,99
Porto Belo	593	5,90

Fonte : SANTA CATARINA, Mensagem anual do governador Celso Ramos à Assembléia Legislativa, 1964 (Arquivo Público do Estado de Santa Catarina apud Silva-1990 p.156)

A possibilidade de expansão da pesca estaria na liberação de créditos para ampliação e desenvolvimento técnico das salgas e extração do pescado. Mas segundo Lago 1961 (p. 206) " a industrialização do pescado não constitui investimento seguro, devido a deficiente organização da produção e de matéria prima". Desta maneira, a pesca artesanal já era considerada um setor fraco e deficiente.

Na parte de equipamentos, um estudo de 1966 indicava que a baleeira motorizada difundiu-se em todo o litoral, caracterizando-se como o meio mais adequado para os esquemas da pesca artesanal. Este mesmo estudo já discutia os movimentos turísticos e atribuiu as mudanças nas condições sociais e econômicas das comunidades de pesca à atividade turística. Verificou-se o "efeito dos movimentos turísticos nas áreas onde preexistiam comunidades de pesca (...)"; esse movimento" vem trazendo a valorização de

terras freqüentemente pertencentes a antigos pescadores, que, com a venda, têm conseguido adquirir aparelhos e embarcações de pesca."(Acordo de Pesca-1966, p. 34).

Realmente, num primeiro momento, a valorização da área habitacional parecia algo interessante. O pescador, ao vender parte de suas propriedades, alcançava condições de comprar seus equipamentos de pesca.

Em 1972, o Serviço de Extensão da Pesca, implementado pela ARCAPESC, lança o projeto de organização do Produtor e da Produção. Este projeto buscava dar ao pescador possibilidades de aumentar sua produção e fortalecer o setor, através da modernização dos aparelhos e embarcações de pesca, pela substituição de aparelhos antiquados e nocivos ao ciclo produtivo. A tabela 05 mostra em valores da época os investimentos implementados no município de Garopaba, especificamente.

TABELA 05
Organização do Produtor e da Produção Garopaba -SC

Item	Empreendimentos	(a)	(b)	(c)
01	Motores de 8 a 25 HP	40	100	10
02	Pequenas embarcações	100	100	10
03	Traineiras pequenas para captura da anchova tainha e Sardinha	90	90	03
04	Barco c/ 20,50m de comprimento 6,20m de boca 2,60 m de Pontal e 2,23m de calado	280	224	01
05	Veículo grande para transporte de pescado	36	28	01
06	Equipamento para bombeamento de água salgada e sistema de comporta	8	5	01

Fonte : ARCAPESC-1972

(a) Valor do empreendimento. (Cr\$ mil)

(b) Valor financiado.(Cr\$ mil)

(c) Números de financiamentos efetuados.(Cr\$ mil)

O item 04 foi o investimento mais caro feito na região, tendo sido executado pelo dono da salga que havia na área, o que lhe custou a falência em poucos anos, pela falta de organização, perdendo todo seu patrimônio, segundo depoimentos de moradores de Garopaba. O estudo também procurou atingir a parte de proteção dos criadouros naturais; os empreendimentos para essa fase somaram 4,76% do montante executado no Estado.(ARCAPESC-1972)

A pesca deu um grande salto na década de setenta, mas os financiamentos repercutiram mais na pesca em escala industrial, que ampliou sua participação no desembarque do pescado no Estado, enquanto a pesca artesanal decaiu, como será apresentado na última parte deste capítulo. No final desta década, o turismo começa a chamar mais a atenção, como se notará mais adiante.

Na década de 80, um dos principais trabalhos sobre a pesca em Garopaba foi a pesquisa realizada pelo IPUF, no ano de 1984, no âmbito do Projeto Especial CPM-MINTER⁹ (TORRENS, 1984).

O Programa Cidades de Porte Médio visava melhorar a situação das populações de baixa renda, atingindo a principal área pesqueira do Estado, de Balneário Camboriú até Garopaba, atendendo cerca de 60.000 pessoas relacionadas com a pesca artesanal.

As idéias se repetem. O intuito do programa era organizar a comercialização e a produção, eliminando o atravessador, através da Cooperativa. Com isso, se resolveriam dois problemas, o do produtor, já especificado, e o do consumidor, através do preço e qualidade do pescado.

A pesquisa identificou o turismo como fator modificador das condições anteriores de crescimento econômico. TORRENS, (1984) apontou que Garopaba já apresentava setores "relativamente desenvolvidos (padaria, posto de gasolina, hotéis, restaurantes, lojas comerciais e de materiais de construção, etc.), notava-se um certo desequilíbrio no seu funcionamento durante a maior parte do ano."(p. 8).

O apoio ao pescador se daria através da Cooperativa Coperbelo. Como funcionaria: os cooperados se dividiriam em proprietários dos meios de produção, que deveriam entregar o peixe na Cooperativa, e tripulantes, que se beneficiariam da cooperativa na compra de material de consumo. Assim, ficariam livres dos atravessadores, que visavam o lucro, e poderiam ter melhores preços, além de postos de consumo.

A entrega do peixe na cooperativa, bem como a associação, foi um problema constante. Em Garopaba, particularmente, devido a um vendaval que destruiu algumas embarcações em 1983. A cooperativa recentemente implantada na comunidade, ainda com poucos sócios, viu na possibilidade de um empréstimo a possibilidade de atrair novos cooperados. No entanto, esta atitude não mudou o comportamento de alguns pescadores, que continuaram não entregando o pescado à cooperativa.(TORRENS, 1984 p. 21 e 22). Outro problema era a inadimplência do pescador. TORRENS (1984) apontou que boa parte dos empréstimos concedidos aos pescadores eram desviados para outras aplicações, ao invés de serem usados para a compra de equipamentos de pesca, reduzindo assim ainda mais a possibilidade de melhorias na atividade de pesca artesanal.(TORRENS-1984 .P.23)

⁹ Componente A.41 - Apoio À Pesca Artesanal, que vinha sendo implementado pela

O dever das cooperativas é, no final do ano, dividir as sobras que acumularam durante o ano. O que aconteceu foi que no caso da Coperbelo as relações com os cooperados não pareceram ser de cooperativa e associado. Além do mais, o produto era pago quinzenalmente, o que dificultou a vida de alguns pescadores, que preferiam que ela pagasse semanalmente. Com isso, a relação se configurava mais como comercial; ainda mais difícil que a do atravessador, que pagava vales aos pescadores como forma de adiantamento, mas com menor preço. Então, o pescador, separado das decisões da Cooperativa, e com dificuldades de gerir seus custos, procurava o atravessador para vender seu produto sem o menor constrangimento (TORRENS-1984 p. 35 a 37).

A cooperativa, que seria a esperança para acabar com o desequilíbrio da atividade, também não evitou o processo de descapitalização dos pescadores, nem evitou os intermediários. O pescador acha que o intermediário dá mais condições de renda que a própria cooperativa (TORRENS, 1984). Com isso, o processo cooperativista ficou dificultado, ou seja, não foi capaz de proporcionar uma melhora nas rendas do pescador. Parece que outras forças, além das apresentadas até aqui, estão agindo na atividade de pesca artesanal. As modificações nos costumes, nas tradições e no nível social do pescador, na medida que ele volta-se para outras atividades, parecem as bases para a determinação destas forças..

3.3.1 - ANÁLISE CONJUNTA DOS DADOS DE DESEMBARQUE DA PESCA ARTESANAL DA DÉCADA DE 60 A DE 90.

Durante as décadas de 60 e 90, foram criados vários órgãos públicos com o intuito de acompanhar a atividade de pesca, tanto a industrial quanto a artesanal. Atualmente, a atividade parece estar abandonada por estes órgãos. Em Garopaba não há mais pessoal da EPAGRI responsável pela pesca; em conversa com funcionário do IBAMA, observou-se que a pesca não interessa mais e que as atenções daquele órgão estão voltadas para a atividade de maricultura.

Realmente, pela visualização dos dados coletados através dos anuários estatísticos da SUDEPE-SEPESUL, dos anos de 1962 a 1996, é possível perceber o declínio da atividade de pesca. Apesar da série não estar completa, uma análise de cunho geral sugere que a pesca decaiu muito nos últimos anos. A tabela compara a pesca artesanal

Coperbelo deste 1979. O trabalho faz uma análise da atividade cooperada.

total do Estado de Santa Catarina e do município de Garopaba. Pode-se notar que na primeira etapa, entre os anos de 1962 até 1978, ocorre evolução dos volumes capturados. Daí para diante, a produção só decresce, até atingir cotas muito baixas.

Interrogados sobre a brusca queda da quantidade de pescado desembarcado na costa catarinense, os técnicos da SEPSUL (sede em Itajaí), não conseguiram fornecer nenhuma explicação consistente. Alegaram ser problemas estatístico e de coletas de dados. Mas conforme foi informado pelo técnico do IBAMA, que é responsável pela pesca, existe pessoal treinado para fazer a coleta da quantidade desembarcada em cada ponto de desembarque na costa catarinense. Acontece que, na realidade, a coleta dos dados é muito precária, como foi possível observar no momento da entrevista com os pescadores: o responsável pela coleta em Garopaba não apareceu em nenhum momento. Conversando com o atravessador, (Sr. Aroldo) que faz a compra do peixe na cidade, soube-se que, algumas vezes, o formulário do IBAMA onde são anotados o volumes e os tipos de pescado desembarcado é preenchido por ele mesmo. Realmente, fica confirmado o descaso dos órgãos responsáveis em cuidar da atividade. Este trabalho de coleta, que poderia demonstrar ainda a importância da pesca nestas comunidades, e ser instrumento capaz de provar que a atividade ainda merece uma melhor atenção, parece que não é levado a sério, tornando-se desta maneira um desrespeito ao pescador.

Segundo SILVA (1990, p.186), "é a partir da década de 1970 que são verificadas transformações significativas no interior da pesca empresarial, com profundas repercussões no universo do trabalhador embarcado". Esta afirmação poderia explicar a grande elevação do volume desembarcado no âmbito da pesca industrial, como já foi comentado. A queda do volume desembarcado da pesca artesanal admite várias hipóteses, dentre elas: a concorrência da pesca em escala industrial; as limitações estruturais, internas; entre outras. Ao final deste trabalho, um outro fator será sugerido, pelo menos em localidades como Garopaba: o turismo.

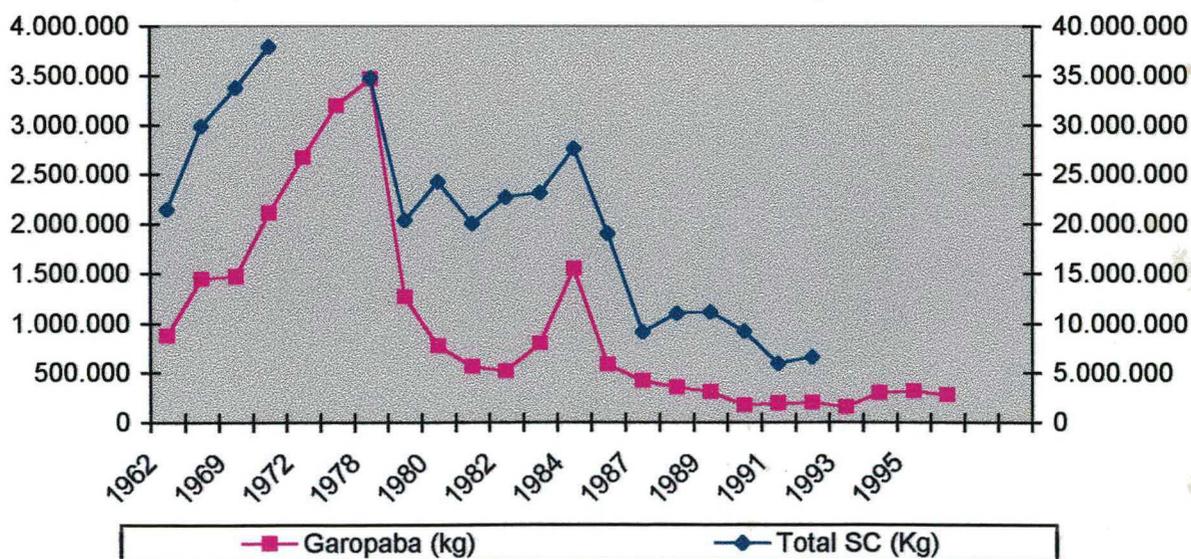
TABELA 06
Desembarque de pescado na área catarinense e no município de Garopaba nos anos de 1962 a 1996

ITEM	ANO	Garopaba (kg)	Total SC (Kg)
01	1962	877.271	21.524.946
02	1968	1.448.669	29.893.154
03	1969	1.471.469	33.781.590
04	1970	2.110.012	37.997.901
05	1972	2.673.004	
06	1977	3.199.689	
07	1978	3.474.745	34.812.337
08	1979	1.273.258	20.372.351
09	1980	774.497	24.277.822
10	1981	566.006	20.079.144
11	1982	520.443	22.730.238
12	1983	799.894	23.217.002
13	1984	1.551.687	27.719.188
14	1985	588.947	19.107.677
15	1987	423.523	9.174.050
16	1988	357.926	11.077.796
17	1989	309.886	11.197.292
18	1990	176.335	9.240.542
19	1991	193.321	6.015.215
20	1992	198.836	6.627.380
21	1993	159.102	
22	1994	302.577	
23	1995	322.197	
24	1996	277.120	

Fonte - Anuários estatísticos SUDEPE - SEPESUL(1962 a 1996)

GRÁFICO 002

Desembarque de pescado na área catarinense e Garopaba – 1962 - 1996



CAPÍTULO - IV

GAROPABA: NÚCLEO TURÍSTICO

4.1 - INTRODUÇÃO

Esta parte do trabalho começa por apresentar a evolução das modificações na estrutura econômica do município. É bom deixar claro que as modificações envolveram toda a sociedade local e não somente os pescadores. A falta de dados, a princípio, parecia que não representava muito problema, já que a pesquisa de alguma forma, foi realizada por um observador participante: mas no decorrer da apresentação dos fatos, ficou claro que não se poderia "comprovar" toda a realidade que se testemunhava. Buscaram-se várias alternativas, desde fotos antigas, para comparar com atuais, até a própria apreciação de moradores e de participantes, pelo menos no que se refere ao período entre o final da década de 60 e o final da de 70.

Na primeira parte do capítulo abordam-se a fase inicial e o desenvolvimento do turismo ao longo dos períodos; para isso será utilizado como indicador básico, a evolução dos empreendimentos referentes à hospedagem; fala-se também sobre impactos nas atividades de pesca e agricultura. Na segunda parte, focaliza-se a formação da infraestrutura turística em Garopaba. Na terceira parte, faz-se uma análise da estrutura econômica. Na Quarta parte, fala-se do sistema produtivo. Na Quinta parte, aborda-se a atividade turística, apontando os problemas de sazonalidade, a origem da mão-de-obra, a renda, o fluxo turístico e os atrativos turísticos. Na última parte aborda-se o crescimento da malha urbana, a redução da área pesqueira e alguns problemas ambientais.

4.2 - DIFERENTES FASES DO TURISMO EM GAROPABA E OS IMPACTOS ESTRUTURAIS SÓCIOS ECONÔMICOS LOCAIS.

O incremento da atividade turística em Garopaba, nas últimas décadas, parece ter condicionado uma nova fase na economia local. As atividades tradicionais de pesca e agricultura já em declínio, tiveram a sua desestruturação acelerada, e as novas

oportunidades de trabalho, ligadas ao turismo, que surgiram ao longo das últimas décadas, parecem ter representado a dinamização de outros setores econômicos, tais como: comércio, produção de vestuário, construção civil, entre outros. Logo, certamente contribuindo para o crescimento econômico local.

Para caracterizar a expansão do setor turístico em Garopaba, pode-se considerar vários aspectos, tais como: a evolução dos empreendimentos turísticos, a evolução na construção civil, o crescimento do setor de serviços. Trata-se de indicadores que refletem a atividade turística.

4.2.1 - CARACTERIZAÇÃO DA FASE INICIAL DA ATIVIDADE TURÍSTICA

O turismo despontou em Garopaba no mesmo momento em que começou a avançar com força em todo território nacional, embora com bem menos intensidade. Em 1961, quando Garopaba passou a ser município, a primeira pousada¹⁰, que seria para abrigar cacheiros viajantes, ficou repleta de turistas vindos do Sul do Estado de Santa Catarina. Neste sentido, de maneira tímida, a cidade foi ganhando espaço no turismo, a atividade turística parecia dar certo e, no final dos anos 70, já existiam aproximadamente 5 empreendimentos que totalizavam 140 leitos destinados ao turismo(TABELA 07).

Parece que, no primeiro momento, a estrutura da cidade não foi capaz de absorver os benefícios da atividade turística, de maneira que o setor engatinhou até o início da década de 80, com poucos empreendimentos dirigidos ao turismo.

Analisando melhor o tabela 07, os períodos, definidos de cinco em cinco anos, parecem dar uma boa visão do crescimento da atividade turística em Garopaba¹¹. Neste sentido, é válida uma avaliação mais apurada dos principais períodos . O primeiro período significativo seria de 1976-1980. Com a implementação de mais três empreendimentos turísticos, este período parece marcar a evolução do setor em Garopaba, que passou desde então a surtir efeitos em toda economia local. O segundo período significativo seria o de 1981 a 1985. Este período representa uma arrancada no crescimento da atividade turística em Garopaba¹²: surgiram 08 (oito) novos empreendimentos de hospedagem e camping, distribuídos: entre 06 (seis) pousadas, 01 (um) Hotel e 01 (um) camping, praticamente dobrando a capacidade de leitos disponíveis. Outro período

¹⁰Hoje Hotel Lobo.

¹¹Esclarecemos que o TABELA não mostra o total de empreendimentos do município.

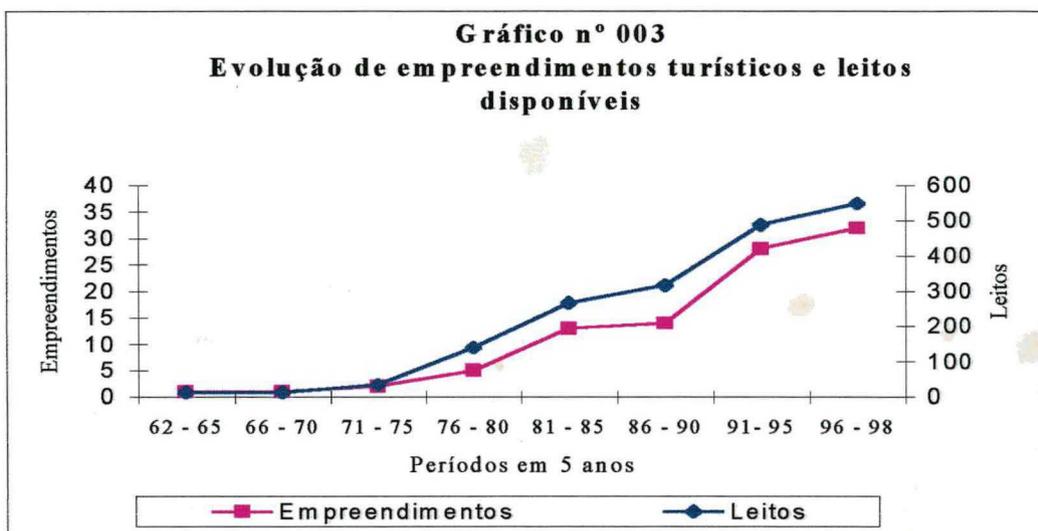
significativo seria o de 91-95, quando o número de empreendimentos dobrou; no entanto, o número de leitos ampliou-se em apenas 53,9%. A explicação mais palpável é que neste período a maioria dos empreendimentos surgidos foram as pousadas com porte menor e até familiar. Os tipos de estabelecimentos ficaram assim distribuídos: 13 (treze) pousadas e 01 (um) camping.

TABELA 07

Evolução de empreendimentos turísticos e leitos disponíveis em Garopaba.SC

ANOS / PERÍODOS	Nº EMPREENDIMENTOS	Nº DE LEITOS DISPONÍVEIS
62 - 65	01	13
66 - 70	01	13
71 - 75	02	35
76 - 80	05	140
81 - 85	13	267
86 - 90	14	317
91- 95	28	488
96 - 98	32	549

Fonte : Pesquisa Direta 1998.



O período seguinte, 96-97, compreende apenas dois anos, mas já demonstra que é destacado. Os 04 (quatro) tipos de investimentos apresentados são pousadas, pequenas também, de porte familiar. Parece que a tendência da evolução da oferta de leitos em Garopaba é continuar crescendo através de pequenas pousadas, administradas pela família: uma estrutura mais enxuta, de pouco investimento e com custos reduzidos.

Respondendo à necessidade de ampliação da atividade econômica, surgem muitas melhorias, qualificando a vida dos nativos do município. A malha urbana cresce

¹²Este período foi também marcante em nível Estadual, conforme indicado no Capítulo I.

longitudinalmente, e uma Lei municipal proíbe construções com mais de dois andares, repercutindo diretamente na construção de casas. Enfim, observa-se que a cidade é capaz de atrair investimentos e diversificar as suas atividades. O acesso da BR 101 até o centro da cidade foi pavimentado, facilitando o fluxo dos turistas e o abastecimento do mercado local e, de outro lado a venda de produtos in-natura para outras regiões.

4.3 - NOTAS SOBRE IMPACTOS INICIAIS

Apesar da baixa atividade turística na década de 60, alguns turistas que já visitavam o município, assim como outros nativos, perceberam desde cedo a importância da atividade turística, e também que a valorização imobiliária aconteceria conforme o desenvolvimento da atividade. A aquisição de terras de cultivo nas redondezas da sede do município talvez tenha sido o primeiro impacto da atividade turística em Garopaba. A venda destas áreas, principalmente aquelas que eram cultivadas por pescadores, que intercalavam pesca e agricultura., reduziu a área cultivada nas proximidades da sede do município.

A evidência da valorização imobiliária parece ter provocado algumas modificações na ocupação da mão-de-obra. No entanto, a incidência do impacto, num primeiro momento, parece atingir mais a atividade agrícola que era desempenhada nos arredores da sede do município. Isto sugere que aqueles que desempenhavam as atividades de pesca e agricultura, conjuntamente, passaram a executar apenas a atividade de pesca. Em contrapartida, o pescador sentiu a necessidade de cobrir a parte dos mantimentos necessários, que era suprida pela agricultura, e foi obrigado a procurar outras fontes de renda. Isto poderia ser considerado o segundo impacto, que em geral atingiu toda a família e, em muitos casos fez o pescador deixar a pesca para atuar em outra atividade, só que agora com uma relação muito diferente.

Aliado a este fator de valorização imobiliária, a pesquisa do IBGE do período de 80 e 85 registrou um crescimento de 54,5% no números de estabelecimentos do setor de serviços (IBGE-municípios-1991, Pg.26). O crescimento do setor de hospedagens serve como um termômetro da atividade turística no município e seu crescimento pode ser relacionado com o crescimento de outros setores. Assim, parece que o setor de serviços em geral corresponde ao incremento da atividade turística no município. Os serviços nas

lanchonetes, restaurantes, entre outras lojas, que complementam e são essenciais ao atendimento do turista, que funcionam principalmente na alta temporada, supõe que uma maior demanda por mão-de-obra esteja disponível. Então, a chance de um novo trabalho na atividade turística em substituição à atividade agrícola poderia ter atraído o pescador, bem como sua família.

O novo emprego oferecido ao pescador, em parte poderia ter desviado da atividade de pesca. Como será indicado adiante, sobre a faixa etária dos pescadores (TABELA 019), percebe-se que boa parte, 48,5% dos pescadores consultados, têm idade superior aos 45 anos. Isto posto, reforça a idéia de que a renovação da mão-de-obra na atividade de pesca parece ter baixado nos últimos anos. Embora os dados coletados na pesquisa IBGE (1991) apontam que o redirecionamento da mão-de-obra já venha acontecendo desde o início da década de 80.

4.4 - FORMAÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA TURÍSTICA

A economia do município, amparada ao setor turístico, atraiu novas atividades que começaram a se destacar, contribuindo para a dinamização da estrutura econômica local. No tabela 07 pode-se perceber o crescimento da atividade. No entanto, uma variável importante refere-se à criação da infra-estrutura da oferta turística em Garopaba. Pois, conforme os dados da pesquisa, registrados no tabela 09, o número de investidores externos é muito superior aos de investidores locais, principalmente no referente as pousadas.

A princípio, toda essa cadeia de investimento foi necessária para criar/ampliar a infra-estrutura básica da atividade turística no município. No entanto, a procedência dos investidores parece comprometer boa parte dos benefícios que a atividade turística poderia ter revertido ao município. Parece então que a atividade, devido ao alto grau de investidores externos, configuraria, em parte, uma espécie de enclave, onde parte do montante financeiro (lucro) poderia estar sendo deslocado para a região de origem dos investidores, enquanto que os assalariados, na maioria nativos, se apropriariam de pequenas parcelas do fluxo financeiro gerado em toda atividade turística¹³.

O impacto desse fator, parece, no entanto, ficar amenizado, primeiro porque alguns investidores resolveram ficar em Garopaba, fazendo delas a sua cidade, segundo

porque os outros serviços, tais como, bares e restaurantes, são em maioria de investidores locais, a não ser os principais bares da praia da Ferrugem, que são principalmente de paulistas, cariocas e gaúchos.

TABELA 08
Investimento por tipo de Empreendimento

ITEM	Porcentagem
Hotel	15
Pousadas	66
Camping	19
Total	100

Fonte : Pesquisa Direta-1998

TABELA 09
Empreendimentos por tipo de estabelecimento segundo a procedência do investidor em Garopaba.

ITEM	Local (%)	Externo (%)
Hotel	40	60
Pousadas	5	95
Camping	50	50
Total	16	84

Fonte: Pesquisa Direta-1998

A formação da infra-estrutura turística ainda carece de algumas melhorias. Muitos serviços ainda estão deficitários. Reclamações quanto à falta de banheiro público e melhor atendimento médico são exemplos de que ainda falta um pouco mais de atenção da administração pública.

4.4.1 - ANÁLISE DA ESTRUTURA ECONÔMICA E O CRESCIMENTO DO TURISMO.

O pescador artesanal perdeu muito espaço nos últimos anos e sua atividade corre risco de desaparecer. Não somente em Garopaba, mas em todo litoral catarinense. O atual índice de crescimento do município é alavancado por atividades ligadas ao desenvolvimento do turismo, conforme sugerido na tabela 01, já no primeiro capítulo, segundo o qual o agregado indústria; comércio e serviços participa com 98,7 % do PIB municipal, ou seja, o eixo econômico do município não é mais o mesmo em relação ao passado.

Pode-se perceber que na tabela 10, representado no gráfico 04, que o pessoal ocupado, segundo censo de 1970, concentrava-se principalmente nas atividades ligadas à agropecuária de extração vegetal e pesca, que participava com 70,2% do ocupação da mão-de-obra. Já no Censo de 1981, essa taxa reduziu-se para 45,9% e, no Censo de 1991 para 25,2%. É importante observar que a mudança é ainda mais intensa, pois, além da queda na participação por período, o setor está perdendo também em absoluto, se comparado também com o primeiro período. (IBGE, Municípios, 1970, 1980 e 1991)

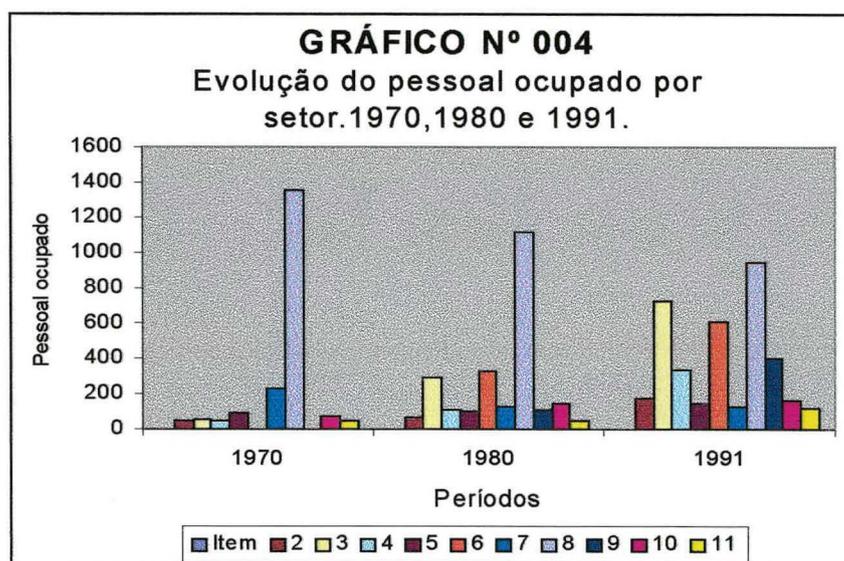
¹³O fluxo financeiro gerado na atividade turística será discutido adiante.

TABELA 010

Pessoas de 10 anos ou mais que trabalham no ano de referência,
por setor de atividade, segundo Garopaba- 1970,1980 e 1991.

		1970	Participação	1980	Participação	1991	Participação	Varição
	Item	Nº pessoas	(%)	Nº pessoas	(%)	Garopaba	(%)	1970-1991
Total	01	1.927	100	2.429	100	3.757	100	
Administração Pública	02	42	2,18	61	2,51	172	04,58	309,52
Prestação de Serviço	03	52	2,70	289	11,90	731	19,46	1.305,70
Comércio de mercadorias	04	45	2,34	113	4,65	335	08,92	644,44
Transporte e comunicações	05	87	4,51	99	4,08	146	03,89	67,82
Indústria da Construção	06	0	0	324	13,34	610	16,24	
Outras Atividades Industriais	07	226	11,73	130	5,35	126	03,35	- 44,25
Atividades Agropecuária de extração vegetal e pesca.	08	1352	70,16	1.116	45,94	949	25,26	- 29,81
Indústria de Transformação	09	0	0	109	4,49	402	10,70	
Atividades sociais	10	74	3,84	144	5,93	168	04,47	127,03
Outras Atividades	11	49	2,54	44	1,81	118	03,14	140,82

Fonte: IBGE - CENSO DEMOGRÁFICO DO BRASIL - 1970, 1980 e 1991.

**TABELA 011**

Varição entre os períodos na ocupação da mão-de-obra nos setores em Garopaba.

	ITEM	Varição 70-80	Varição 80-91
1	Total	13,36	35,35
2	Administração Pública	11,18	64,12
3	Prestação de Serviço	32,42	60,47
4	Comércio de mercadorias	20,30	66,27
5	Transporte e comunicações	8,22	32,20
6	Indústria da Construção	53,11	46,89
7	Outras Atividades Industriais	-76,19	-3,17
8	Ativ. agropecuária de extração vegetal e pesca	-24,87	-17,59
9	Indústria de transformação	27,11	72,89
10	Atividades sociais	41,67	14,25
11	Outras atividades	-4,24	62,72

Fonte: IBGE - CENSO DEMOGRÁFICO DO BRASIL - 1970, 1980 e 1991

No gráfico 04, observa-se que, apesar das atividades de agropecuária, de extração vegetal e pesca terem caído, ainda aparecem em destaque na ocupação da mão-de-obra, mas a participação no PIB municipal (TABELA 01) do setor é baixa, comparando com os outros setores da economia local. As condições de trabalho do pescador, bem como sua situação perante os outros setores, são fatores determinantes da baixa representatividade econômica. Todos os outros setores, salvo o Item 07, que perdeu demanda por mão-de-obra, acusaram crescimento. A prestação de serviços no período de 70 para 91 elevou sua participação: passou de 2,7 % para 11,9%.

A indústria da construção também é um aspecto que demonstra o crescimento da atividade turística. Nos últimos anos, a construção de casas, tanto por nativos, para aluguel, quanto por turistas, para veranejar, é verificada na cidade. A tabela 010, linha 06, mostra que realmente a construção civil evoluiu nestas últimas décadas. Percebe-se hoje muitos locais urbanizados somente com casas de turistas. Em Garopaba é comum encontrar verdadeiros bairros só de turistas, inclusive condomínios fechados. Áreas que antes abrigavam dunas ou eram cultivadas. A quantidade de casas de turistas em Garopaba, segundo classificação da CELESC, tabela 012, referente a janeiro de 1998, aproxima-se dos 30%. Neste sentido, a relação entre a construção civil e a atividade turística do município de Garopaba pareceu ser uma variável importante, no momento que também desviou mão-de-obra, tanto da agricultura como da pesca.

TABELA 012

Número de residências com fornecimento de energia elétrica segundo consumidores totais e turistas no município de Garopaba em janeiro de 97 e janeiro de 98.

ITEM	Janeiro-97	Participação	Janeiro-98	Participação	Varição
Nº de consumidores total	5.991	100 %	6.159	100 %	2,80
Consumo - KWh	1.438.493	100 %	1.494.287	100 %	3,88
Nº de consumidores turistas	1.612	26,91 %	1.828	29,69 %	13,40
Consumo - KWh	118.866	8,26%	107.871	7,22 %	- 9,25

Fonte : Relatório mensal - CELESC - Posto Garopaba-SC.

4.4.2 - O SISTEMA PRODUTIVO

O município sofreu transformações consideráveis. O antigo sistema produtivo deixou caminho ao novo na participação relativa no PIB do município. O impacto causado pela atividade turística na economia do município, resultou em algumas diferenças.

Embora não haja evidência de favelas, existem no município famílias com maior poder aquisitivo em detrimento de outras com rendas muito baixas.

As modificações na ocupação de mão-de-obra, caracteriza o "novo" eixo produtivo do município. A tabela 010 traz uma visão mais apurada do comportamento da ocupação da mão-de-obra: o primeiro ponto a destacar é que a ocupação de mão-de-obra no município aumentou consideravelmente. Ao contrário de alguns municípios catarinenses, que apresentam êxodo, Garopaba conseguiu erguer uma estrutura capaz de segurar boa parte de sua mão-de-obra e ainda mantê-la ocupada, mesmo que na baixa temporada venha ficar em desequilíbrio. O setor de atividades Agropecuária, de Extração Vegetal e Pesca sofreu uma retração considerável. A redução foi tanto em nível percentual de participação por atividade, quanto no total absoluto, ao longo do período. Desta maneira, conclui-se que há mais desistência do que renovação na mão-de-obra deste setor. Como o dado engloba a atividade de pesca, sugere-se então que a pesca vem perdendo pessoal em sua atividade.

Outro setor que apresentou um comportamento contrário à evolução da ocupação da mão-de-obra foram as Outras Atividades Industriais. Em princípio, parece ser um indicador positivo, pelo menos em relação ao meio ambiente. Numa cidade onde as principais atividades estão ligadas ao turismo, uma estrutura econômica mais leve, do ponto de vista industrial, parece ser um bom caminho para a atividade turística.

O restante dos setores, todos apresentaram bom desempenho na ocupação da mão-de-obra, com destaque para os setores de Administração Pública, Prestação de serviços, Comércio de Mercadorias, Indústria da Construção e Indústria de transformação. A maior variação positiva na ocupação do pessoal nestes setores aconteceu na década de 80, como podemos visualizar na tabela 011. Justamente quando o setor de turismo, conforme indicado anteriormente, também teve sua estrutura ampliada.

Observa-se, que no primeiro período, conforme Gráfico 004, que o setor de agropecuária, de extração vegetal e pesca dominava completamente a ocupação da mão-de-obra. Os Setores de Indústria da construção e transformação no primeiro período não apresentaram pessoal ocupado, revelando ser uma atividade nova inserida no município. Já o segundo e terceiro período principalmente, a ocupação da mão-de-obra começa a desconcentrar. Os setores que mais demonstraram crescimento relativo a ocupação de mão-de-obra foram os de prestação de serviço, indústria da construção e transformação.

As bases de sustentação, que eram a pesca artesanal e a agricultura, aos poucos foram perdendo espaço para outros setores, bem mais atrativos e vantajosos para o desenvolvimento comercial do município.

Existem hoje na cidade vários outros setores cuja existência e crescimento estão ligadas ao setor turístico. Nos últimos anos, várias lojas de materiais de construção, madeiras e lojas de eletrodomésticos têm investido em Garopaba, Grupos como Lojas ZOMER, Koerich, FRETA e Super mercado Althoff já se instalaram na cidade, criando novas oportunidades de emprego e diversificando o setor econômico da cidade, bem como contribuindo para reduzir ainda mais a importância da pesca artesanal na economia local.

Outras indústrias desenvolveram-se na cidade e foram responsáveis, talvez, pelo bom desempenho que a atividade turística teve em Garopaba, principalmente como meio de divulgação. A Mormaii, marca que nasceu em 1977, através do médico gaúcho Marco Aurélio Raimundo, que trocou Porto Alegre pelo município, é hoje conhecida internacionalmente. Sua divulgação associou o nome Garopaba ao surfê, o que atrai muitos surfistas durante todo o ano para Garopaba.

Mas o reflexo da Mormaii não pára por aí. O vertiginoso crescimento da empresa parece ter fortalecido o nome Garopaba. Em virtude disso surgiram diversas confecções, dentre elas destaca-se a própria marca Mormaii, THC, Ferrugem, Travessia, Parcel, Bisus, entre outras. Aliado a este setor surgiram diversas outras atividades de serviços, que supriram as mais diversas necessidades. Com toda essa diversificação, Garopaba, com sua beleza natural, ganhou espaço nacional no surfê e na exportação de moda.

Em 1991 o empresário, dono da Mormaii, revelava um contrato para licenciar os direitos da marca nos Estados Unidos, com a mesma empresa que trabalhava com as marcas Walt Disney e Warner Bros, bem como uma rede de franquias por todo o país. (Revista VEJA SC, 27 de fevereiro, 1991 p.8 a 10).

Como se observa em Garopaba a atividade turística têm uma ligação estreita com várias atividades desenvolvidas ao longo das últimas décadas. Do mesmo modo, parece que a redução da importância das atividades tradicionais, agricultura e pesca, pode ser atribuída ao desenvolvimento da atividade turística.

4.5 - ANÁLISE DA ATIVIDADE TURÍSTICA

4.5.1 – SAZONALIDADE DA ATIVIDADE TURÍSTICA: REPERCUSSÃO NA OCUPAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA.

A atividade turística pode causar alguns problemas em meio aos benefícios que proporciona. Em Garopaba a alta temporada compreende o período aproximado de 25 de dezembro a 28 de fevereiro e para manter a atividade com um fluxo bom durante todo o ano é uma tarefa difícil. Ocorrem problemas com a permanência da mão-de-obra no trabalho, bem como, o nível dos salários parecem não ser os melhores e os direitos do trabalhador, tais como: contribuição ao INSS, FGTS, podem não estar sendo garantidos a todos trabalhadores da atividade turística.

Para o levantamento dos dados utilizados nesta parte foram pesquisados : 05(cinco) hotéis, 21(vinte uma) pousadas e 06 (seis) campings. A representação desta amostra em relação ao centro da cidade corresponde a 100% da oferta.

Durante a entrevista foi possível identificar que em muitos estabelecimentos a mão-de-obra contratada é a mesma dos outros anos. Existe um certo tipo de contrato verbal que garante em parte o retorno ao trabalho na próxima temporada. Um hoteleiro que contratava seu pessoal em novembro para ir treinando, reclamou de outros empresários que deixam para contratar somente no pico da temporada, pagando um melhor salário. Desta maneira, acabava atraindo o pessoal treinado nos meses de novembro e dezembro.

Tabela 013
Período de funcionamento dos hotéis, pousadas e camping-Garopaba.SC.

Tipo	Integral (normal) %	Integral (reserva) %	Temporada %
Hotel	40	0	60
Pousada	23,8	14,3	61,9
Camping	16,67	0	83,33
Total	34,38	14,29	65,63

Fonte: Pesquisa direta 1998.

Na tabela 013 pode-se sugerir a sazonalidade do turismo em Garopaba, visto que 65,63% dos empreendimentos consultados atuam somente no verão. A demanda turística na baixa temporada é realmente fraca, não há ainda uma procura suficiente para que todos os empresários mantenham o estabelecimento aberto durante todo o ano.

Este período de baixa demanda cria uma crise na ocupação de mão-de-obra. Tanto os estabelecimentos que funcionam todo período do ano, quanto os que funcionam somente na alta temporada, contratam pessoal na alta temporada, dispensando-o logo após. Algumas pousadas funcionam somente com mão-de-obra familiar e, portanto, contratam um empregado que fica trabalhando para a família.

O pessoal dispensado, na sua grande parte, volta para sua atividade que pode ser assim classificada: estudantes, agricultores, serventes de pedreiros, pescadores, prestadores de serviços, também pessoal de fora do município que atua em diversas outras atividades nos seus locais de origem. Naqueles estabelecimentos que permanecem em atividade durante todo o período anual, a ocupação da mão-de-obra é muito baixa também. Muitos atuam somente com pessoal da família ou atuam apenas com dois ou três empregados que executam serviços de faxineiras, camareiras e segurança.

Uma atividade que vem crescendo no município são os serviços de jardinagem e segurança, já que alguns empreendimentos, bem como as casas dos turistas, ficam vazias durante quase 09 (nove) meses do ano, quando os proprietários voltam para suas cidades.

Na baixa temporada, a maioria dos bares, restaurantes, lancherias, entre outras lojas, permanecem fechados, e aqueles que permanecem abertos, só funcionam nos finais de semana; o pessoal ocupado, na maioria, é da própria família.

Complementando a análise acima, a tabela 014 demonstra os estabelecimentos consultados e analisa o que acontece com a mão-de-obra.

TABELA 014

Comportamento da mão-de-obra por tipo de estabelecimento em Garopaba.

	Hotéis	Pousadas	Camping	Total
Empreendimento com M.O. Fixa (%)	40	28,58	33,34	31,25
Empreendimento com M.O. Não fixa (%)	100	57,14	66,67	65,63
Empreendimento com M.O. Só familiar (%)	0	33,34	33,34	28,13

Fonte : Pesquisa direta 1998.

No caso dos hotéis, 40 % possuem pessoal empregado em situação regular fixa. No entanto, no período de verão todos, sem exceção, contratam mais pessoal para complementar o atendimento ao turista. Não foi identificado nenhum hotel em que o pessoal ocupado fosse somente da família.

A análise do total parece revelar que a ocupação do pessoal neste setor é muito variável. Há uma modificação muito grande entre o verão e a baixa temporada, visto que, entre os consultados, 65,63% dos empreendimentos possuem pessoal não fixo, ou seja, contrata somente para trabalho na alta temporada.

4.5.2 - ORIGEM DA MÃO-DE-OBRA OCUPADA

A mão-de-obra ocupada nos estabelecimentos consultados foi dividida em três grupos e foi classificada como demonstrado na tabela 015.

TABELA 015

Mão-de-obra utilizada nos hotéis, pousadas e camping de Garopaba

Pescadores e/ou familiares	53%
Pessoal de outras Cidades-Estado	21%
Pessoal local não pescador	26%

Fonte : Pesquisa direta-1998.

A família do pescador, bem como pescadores e ex-pescadores, compõem a maior parcela de pessoal ocupado nos estabelecimentos consultados, revelando que a atividade turística influencia a atividade de pesca artesanal, no momento que proporciona outro meio de renda. A atividade tradicional, na alta temporada, fica desfalcada de pessoal, reduzindo a produção e modificando o eixo ocupacional do pessoal de Garopaba nas atividades econômicas, conforme já foi tratado anteriormente.

O pessoal ocupado proveniente de outros locais ou Estados são alguns turistas que trabalham para cobrir as despesas, entre outros que só vêm para trabalhar. Esta parcela ocupada pelo pessoal externo, reduz um pouco a capacidade de empregos ao pessoal local. É necessário uma melhor observação quanto ao treinamento do pessoal que atua na atividade turística, só assim o emprego destes nativos poderá estar garantido.

O pessoal local que não corresponde a pescadores, em média são também famílias provenientes de outros municípios e Estado, que vieram morar em Garopaba e hoje fazem parte da oferta de trabalho.

4.5.3 - A RENDA NA ATIVIDADE TURÍSTICA

A renda oferecida na atividade turística é muito variada no município, mas mesmo assim o setor atraiu, para as suas atividades, boa parte do pessoal ocupado da região. A pesquisa foi realizada somente nos hotéis, pousadas e campings, que são as principais atividades ligadas ao setor turístico. Mais adiante será discutido a forma de rendimento nos restaurantes e lancherias do município, atividades estas essenciais no atendimento ao turista e que também ocupa um considerável pessoal na alta temporada.

A média de salários mínimos, nos estabelecimentos consultados, ficou em torno de 2,24, o que corresponde a aproximadamente a R\$ 290,00 por mês. Este valor é assegurado principalmente pela parcela de 42,3% do pessoal que percebe em média de 2 a 3 salários mínimos.

TABELA 016

Salário médio pago nos hotéis, pousadas e camping de Garopaba.

Total	Porcentagem
Até 1 Salário Mínimo	10,53
Mais de 1 a 2 SM	21,05
Mais de 2 a 3 SM	42,37
Mais de 3 a 5 SM	23,68
Mais de 5 SM	2,63
Média (R\$)	292,00
Salários Mínimos (SM)	2,24

Fonte : Pesquisa direta - 1998
Salário Mínimo de R\$ 130,00

Nos restaurantes, o pessoal ocupado, na maioria, ganha por comissão; não existe salário fixo a pagar, o pagamento é diário; conforme a arrecadação do dia; os empregados dividem 10%(dez por cento) do total auferido. A transformação em salário depende muito do número de empregados contratados e do movimento, ou seja, o fluxo de clientes. A renda média deste setor, por temporada varia de R\$ 800,00 à R\$ 1.500,00. A variação é devido principalmente à capacidade e localização dos serviços.

Nas lancherias, o contrato é por temporada. Parece ser a modalidade de trabalho mais desgastante. No entanto, sua remuneração é superior à que é obtida nos hotéis, pousadas e campings. O contrato, que começa no final de dezembro e se estende até o fim de fevereiro, varia de acordo com a experiência, e é uma negociação direta com o empresário. Em média, varia de R\$ 700,00 a R\$ 1.800,00. Por isso, a variação de um

estabelecimento para outro é muito grande em termos de salário. No entanto sabe-se, em Garopaba, que o esforço vale a pena e que trabalhar na temporada rende algumas economias.

Sugere-se, desta maneira que a renda proveniente da pesca não está sendo suficiente no atendimento das necessidades de rendimento da população local. Muitos pescadores já deixaram a atividade em busca de outras atividades. Para quem quer continuar morando na cidade, o meio mais provável de trabalhar é em alguma atividade na qual o setor turístico está inserido.

4.5.4 - O FLUXO TURÍSTICO LOCAL.

A atividade turística em Garopaba parece ter uma íntima ligação com o desenvolvimento econômico do município, visto que a atividade pesqueira e agrícola não podem alavancar a estrutura econômica. Hoje estes setores estão praticamente estagnados economicamente e não tem mais representatividade significativa no PIB do município. Fazer uma apreciação do fluxo turístico nas primeiras décadas, em que a atividade começou a despontar, é uma atividade difícil, quase impossível, pois não havia nenhum trabalho na área, com levantamento de dados. A atividade evoluiu espontaneamente, de maneira quase automática. Após cada ano, percebia-se que o turismo era bom negócio, e que receber bem o turista permitia incremento na renda.

O fluxo turístico pode ser evidenciado a partir do desempenho com que cresceu a oferta de hotéis e pousadas, como é mostrado na tabela 07. É evidente que a cada ano crescia o número de turistas. Assim, a cidade passou a exigir ambientes comerciais capazes de proporcionar ao visitante conforto suficiente para que ele pudesse desfrutar melhor o tempo passado na comunidade.

Outro fator local que demonstra a vitalidade da demanda turística é a construção civil. A construção, ou ampliação da casa, era uma necessidade para os moradores locais, já que o aluguel de casas particulares é forte e domina a oferta de leitos no município. Segundo pesquisa da SANTUR em 1997 o meio de hospedagem mais procurado, com 46,35%, foi a casa ou apto de aluguel. Bem como pode-se observar na tabela 010 que a indústria da construção, que praticamente inexistia na década 60, na década de 70 e 80, conforme Censo (IBGE-MUNICÍPIOS) de 80 e 91 apresentou pessoal ocupado, num percentual de ocupação de 13 e 16 % respectivamente. Sendo assim pode-se

considerar, que a evolução do setor de construção combina com a evolução do movimento turística em Garopaba.

É claro que estes indicadores, acima citados, não fazem uma análise direta do movimento turístico. Servem apenas para demonstrar que a atividade turística em Garopaba não é algo novo e veio crescendo ao longo do tempo.

O movimento turístico estimado (TABELA 017) em Garopaba nos anos de 96 e 97, dá uma visão geral da quantidade de pessoal que passa pelo município. A pesquisa foi feita em duas semanas, uma em janeiro e outra em fevereiro. A permanência média de ocupação em todos os meios de hospedagem, em 1996, aumentou 0,58 dias em relação a 1997, ficando em torno de 12,72 dias. Conforme relatório da SANTAUR (1997), o fluxo estimado final de turistas na temporada chega aos 100 mil.

TABELA 017

Movimento estimado de turistas em Garopaba-1996/1997.

ORIGEM	1996	1997	Variação
Nacional	13.187	19.676	49,21%
Estrangeiros	652	690	5,83%
Total	13.839	20.366	47,16

Fonte: Santur - Sinopse comparativa de 1996 e 1997

Todo esse movimento gera uma receita estimada de 6 milhões de dolares (SANTUR, 1997). Segundo informação verbal do secretário de turismo do município, obtida em entrevista efetuada pelo autor, essa receita é muito maior.

4.5.5 - ATRATIVOS TURÍSTICOS

A caracterização dos atrativos turísticos é o elemento fundamental para determinar a vocação turística de uma região. Em Garopaba, o principal atrativo turístico relaciona-se à base natural, conforme a pesquisa da SANTUR de 1998 (TABELA 018). A pesquisa aponta uma preferência por este fator em 99,46% das respostas dos turistas. A preservação dos ambientes que configuram este patrimônio é elemento essencial para continuidade do turismo em Garopaba.

TABELA 018
Principais atrativos turísticos de Garopaba.

Atrativos	1996 (%)	1997 (%)
Atrativos naturais	87,06	99,46
Atrativos Históricos Culturais	4,57	0,18
Manifestações populares	3,55	
Eventos	3,30	
Outros	1,52	0,36

Fonte : SANTUR - Sinopse comparativa-1996-1997.

As 08(oito) praias do município são a sua principal atração turística. Algumas ainda estão livres da urbanização e preservam a natureza quase intacta. Na direção de norte para sul, as praias têm a seguinte seqüência: Gamboa, Siriú, Garopaba, Silveira, Ferrugem, Praia da Barra, Ouvidor e Vermelha. A praia do Rosa tem uma ligação forte com Garopaba, mas pertence ao município de Imbituba.

A única praia que tem acesso calçado é a praia da sede, para alcançar todas as outras o turista deve enfrentar a estrada de chão batido.

Ao nível da infra-estrutura de hospedagem, quase todas possuem algum meio. Destaca-se com estrutura relativamente boa as praias de Garopaba, Ferrugem, Siriú, Silveira e Gamboa. As outras praias destacam-se pela ocupação de campistas; a praia Vermelha que pertence ao Grupo Gerdau.

Ao nível de infra-estrutura alimentar destacam-se a praia de Garopaba, com as mais variadas opções, e a praia da Ferrugem, com serviços de bares por toda madrugada. As praias da Gamboa e Siriú possuem pouca atividade neste serviço, com poucos bares com estrutura mais simples.

A pesca artesanal é uma atividade praticada em quase todas as praias. A maior representação é na praia de Garopaba, com arrastões ao longo da praia e a maior concentração de pescadores. Nas outras praias a pesca é fraca, com poucos pescadores, que desempenham outras atividades conjuntamente. Na maioria, são também agricultores e lavradores.

Um destaque especial é a Reserva que engloba toda a praia do Siriú, as dunas e também a lagoa que existe no local. A reserva é um anexo da grande reserva da Serra do Tabuleiro, que foi criada em 1975. Ultimamente, as dunas têm sido procuradas para a prática do sandboard, chamando a atenção como mais um ponto turístico em destaque. Apesar de ser uma reserva, sua manutenção é precária e necessita de atitudes mais decididas por parte do Governo para continuar como está.

Em todo o município a manutenção da qualidade do produto turístico é uma variável que exigirá esforço e não caberá somente ao poder político, mas exigirá toda uma conscientização do pessoal local.

O maior problema de Garopaba, hoje, é a qualidade da sua água. Com uma população permanente que vem aumentando, e no verão com um fluxo de turistas próximo dos 100 mil, a água potável e tanto a água do mar têm sido alteradas. O centro da cidade, onde concentra-se a maioria das residências, o lençol freático é muito baixo, cerca de 70 a 80 cm do nível do solo. Nos dias de chuva seguidos, logo ocorre o saturamento do solo e o esgoto, que é tratado com fossa sumidouros, começa a vaziar, o que faz escorrer para praia com a água da chuva. Acabam, com isso, o conforto do turista e a possibilidade de balneabilidade da praia.¹⁴

No ano de 1998, a FATMA considerou a praia de Garopaba, em determinados trechos, como imprópria para banho. Tendo como principal atrativo o banho de mar, o turismo local não poderá conviver com esse problema por muito tempo. O projeto de saneamento básico, apesar de atrasado por problemas políticos, conforme informação durante a pesquisa, parece estar em andamento, juntamente com os de outros municípios vizinhos. O sistema de esgoto vai aliviar a depreciação da qualidade do produto turístico do município.

4.6 - O CRESCIMENTO DA MALHA URBANA, A REDUÇÃO DA ÁREA PESQUEIRA E OS PROBLEMAS AMBIENTAIS.

De antiga vila de pescadores, o município de Garopaba ganhou ruas calçadas, muitas casas e até condomínios somente de turistas, o que ampliou consideravelmente a malha urbana, conforme pode-se observar na figura 1 e Foto 2, onde observa-se a vista parcial de toda a praia de Garopaba e a distribuição das residências em todas as direções.

¹⁴(Entrevista com engenheiro civil que atua em Garopaba, 1998)

Na Foto 3 têm-se a vista da lateral da Igreja nos anos 60, observa-se, com mais atenção ao fundo, que ao longo da praia existem apenas algumas ranchos de pescadores de arrastão, comprovando ser os pescadores os "donos" da praia de Garopaba. Situação contrária que é observada atualmente, onde, praticamente toda a praia pertence aos turistas.

FOTO 03

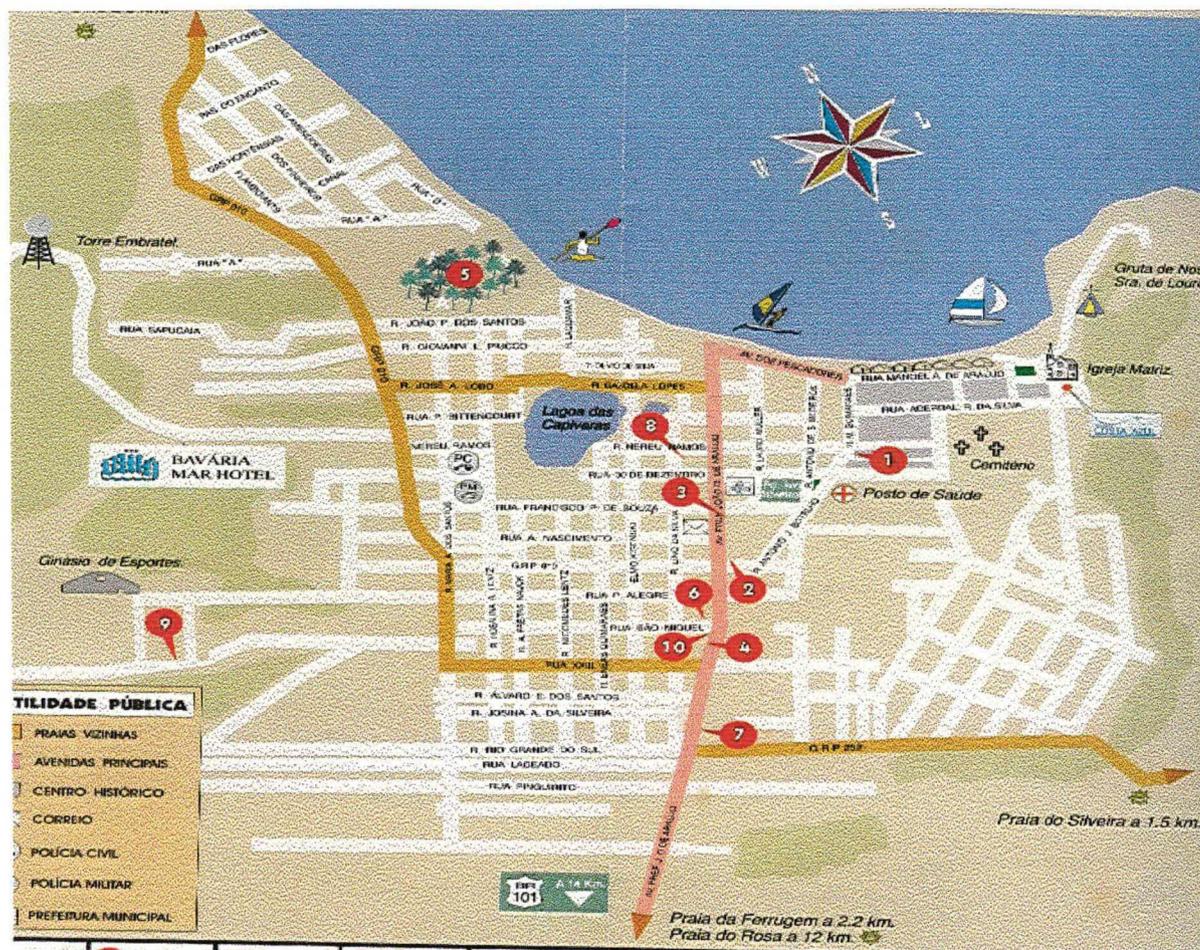


VISTA PARCIAL DA PRAIA DE GAROPABA - ANOS 60

FONTE : Foto Sena-Garopaba-SC

FIGURA 01

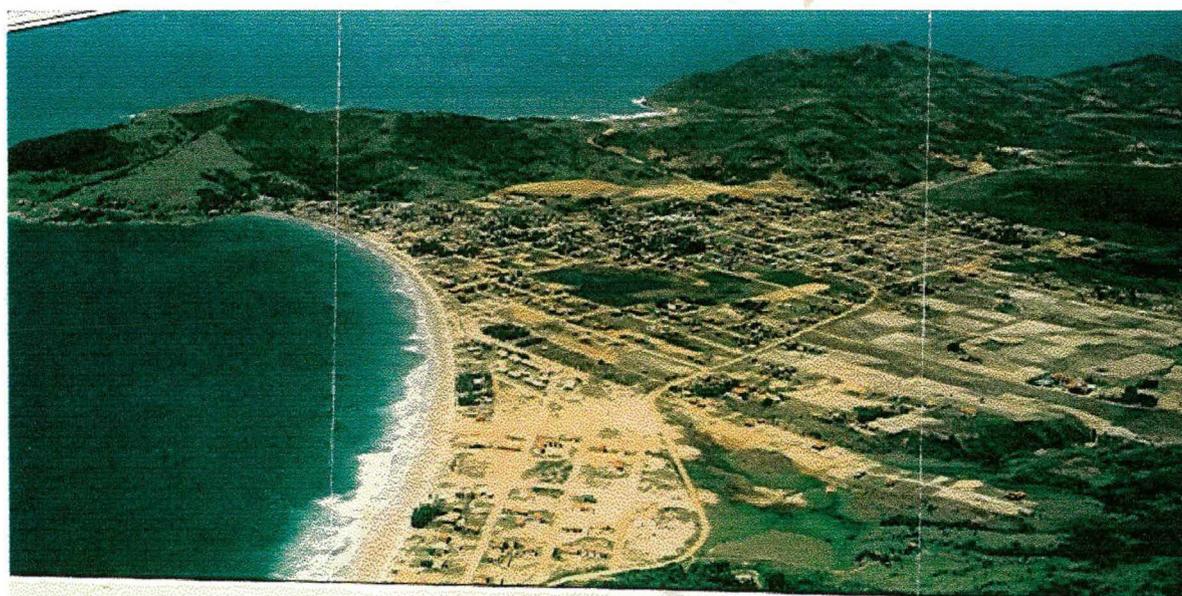
MAPA DA MALHA URBANA DA SEDE DE GAROPABA



Fonte: Prefeitura Municipal, Secretaria de Turismo de Garopaba- Folheto de Propaganda. 1997

Foto 02

Vista da praia e cidade de Garopaba-1994

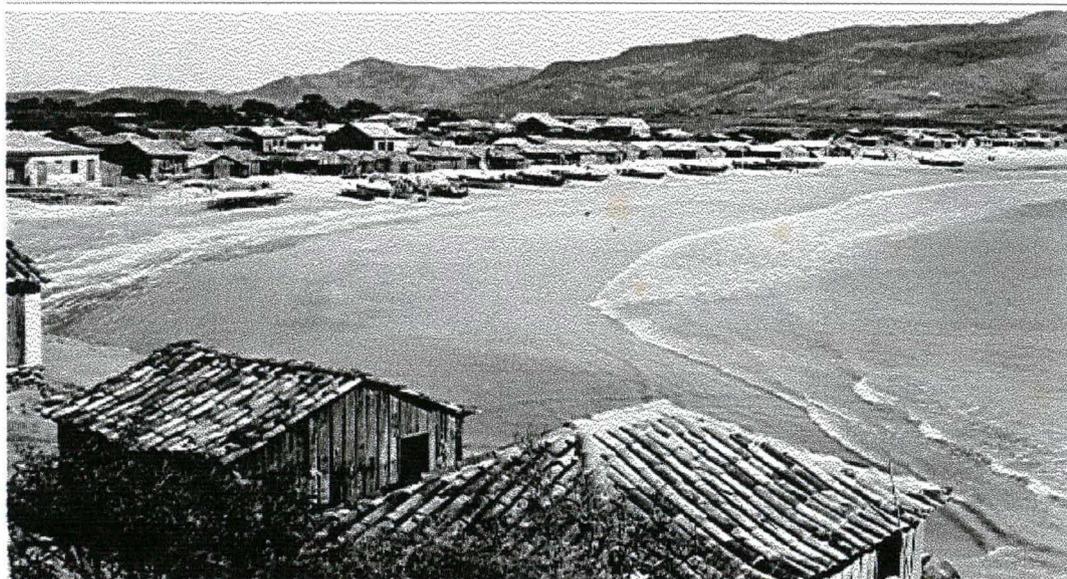


Fonte: Prefeitura Municipal-Secretaria de Turismo-Garopaba.SC.

Na Foto 4, observa-se a concentração dos ranchos dos pescadores que pode ser comparada com a foto 5, atual. Pode-se perceber algumas residências de turistas, bares, restaurantes em meio aos ranchos dos pescadores. Durante a pesquisa, observou-se que muitas embarcações eram colocadas mais afastadas em direção norte da zona dos ranhos. O pescador Cabo Nelson respondeu : "é meu filho a gente não têm mais nada ali (refere-se aos ranhos) o que a gente possui, tem que deixar aqui na praia tapado com lona". Desta maneira, pode-se observar que a urbanização não só alongou a cidade mais também reduziu a zona de pesca em muitos casos até expulsou os pescadores.

FOTO 04

Vista da área pesqueira em Garopaba-anos-60



Fonte :Foto Sena-Garopaba-SC.

FOTO 05

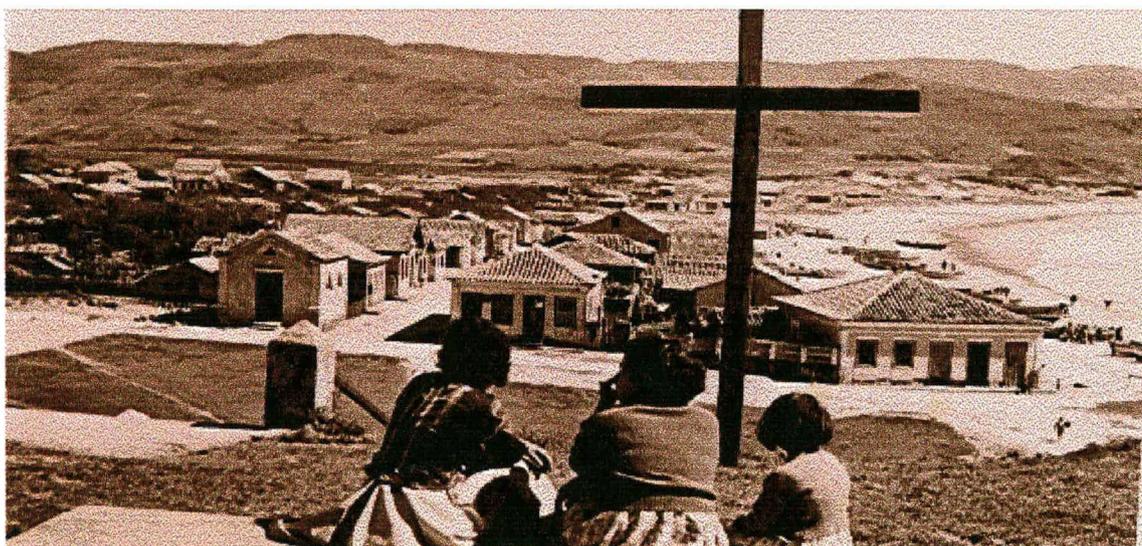
Vista da área pesqueira em Garopaba-1998



Fonte : Foto do autor-1998.

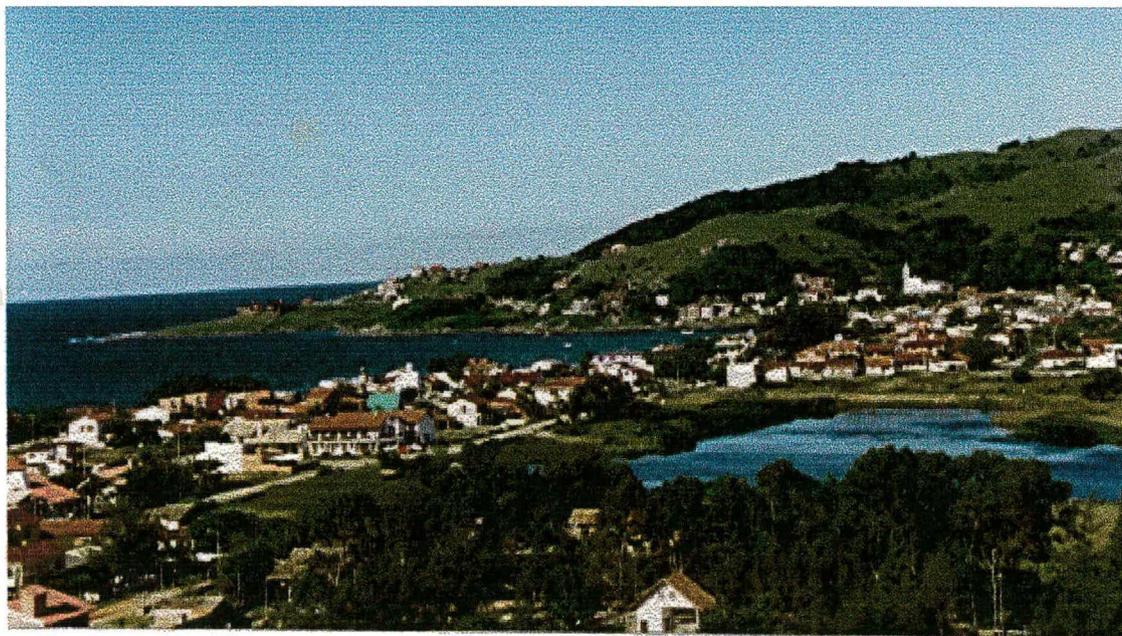
Nas fotos 6 e 7, percebe-se as diferenças do plano urbano da cidade de Garopaba. As fotos estão em direção contrária, mas, no entanto, sugerem uma grande diferença no crescimento da cidade. Este crescimento poderia ser acusado como normal, como ocorre quando uma cidade cresce, mas uma diferença fundamental no crescimento da malha urbana de Garopaba são as casas de turistas que podem ser vistas em qualquer rua da cidade, são facilmente identificadas pois permanecem fechadas durante boa parte do ano.

FOTO 06
VISTA PARCIAL DA PRAIA DE GAROPABA - ANOS 60



Fonte : Foto Sena-Garopaba.SC

FOTO 07
VISTA DA SEDE DE GAROPABA-1997



Fonte : Prefeitura Municipal - Secretária de turismo - Garopaba.SC

A Lagoa das Capivaras, que pode ser observada na foto 07, possuía um formato de violão. Devido a pressão imobiliária, suas laterais foram praticamente aterradas, destruindo-se toda sua volta, acabando com várias espécies de microorganismos e viveiros naturais. Uma característica natural que poderia ser aproveitada como atrativo turístico, apontado, pela maioria dos empresários do setor turístico (entrevistados), como uma alternativa a mais para Garopaba. Junto com o crescimento de casas, áreas de dunas, mangues, lagoas, banhados foram aterrados. Na foto 8, o loteamento foi construído sobre uma duna, sendo aterrado também um banhado, que pode-se observar na foto 02. Os impactos junto ao meio ambiente pareceram ter sido ignorados por muito tempo em Garopaba e, hoje, repercutem negativamente. Atualmente algumas lideranças locais tem tomado a iniciativa de denunciar os ataques as áreas ainda preservadas.

FOTO Nº 8
VISTA DA PRAIA DE GAROPABA-COSTÃO NORTE-1997



Fonte : Prefeitura Municipal . Secretaria de Turismo-Garopaba.SC.

Região ocupada só por residências de turistas, ao fundo a praia do Siriú pertencente a Serra do Tabuleiro.

CAPÍTULO - V

SITUAÇÃO ATUAL DA PESCA NO MUNICÍPIO DE GAROPABA: O PAPEL MODIFICADOR DO TURISMO.

5.1 - INTRODUÇÃO

O estudo das relações entre crescimento da atividade turística e comportamento da pesca artesanal em Garopaba permite observar, conforme assinalado no começo deste trabalho e já se comentou no capítulo anterior, as novas alternativas e possibilidades de renda que os pescadores e suas famílias vêm tendo em meio à realidade que a cada ano se modifica pela atividade turística, em relação ao quadro de anos atrás. Neste sentido, a análise buscará captar aspectos da atual situação dos pescadores e suas famílias. O questionário, (em anexo) utilizado nas entrevistas, visava possibilitar a obtenção de informações sobre os impactos sociais que o turismo tem causado na estrutura familiar do pescador, tentando identificar a procedência de sua renda, o setor de trabalho de sua família, as relações com o turismo, entre outros.

Este capítulo trata dos efeitos que a atividade turística impactou junto aos pescadores de Garopaba. Os dados no entanto não poderão desvendar todos os problemas da atividade de pesca artesanal. A primeira dificuldade enfrentada foi aquela que menos se poderia esperar: o fato do pesquisador ser morador do local e, portanto, boa parte dos entrevistados integrarem o leque das relações pessoais. A segunda dificuldade tem a ver com a certeza de que o que se está ouvindo, na entrevista, nem sempre corresponde à verdade. Por último, uma dificuldade maior relacionou-se ao fato de que algumas perguntas não obtiveram respostas suficientes para permitir alguma conclusão.

Na primeira parte, trata-se do contingente dos pescadores da área, apontando-se algumas características. Na Segunda parte aborda-se os problemas da atividade, segundo os pescadores. Na terceira parte, trata-se das relações de trabalho. e Por último, aborda-se as relações do turismo na pesca e os reflexos na família do pescador.

5.2 - O CONTINGENTE DE PESCADORES

A comunidade apresenta um elenco de aproximadamente 700 (setecentos) pescadores filiados à Colônia. No entanto, apesar de não ser um dado oficial, mas apenas relatado por alguns pescadores que participaram da pesquisa, os pescadores que efetivamente dependem da pesca e vêm todos os dias para a praia formam um grupo que beira os 15%, apenas, daquele total.

A pesquisa foi realizada com 35 pescadores, o que representa 5% dos associados da Colônia. No entanto, estes representam aproximadamente 30% dos que efetivamente dependem em parte ou integralmente da pesca. É que muitos associados da Colônia trabalham em outros setores e só pescam (de tarrafa, entre outros meios) em finais de semana, exclusivamente para consumo próprio.

Durante a pesquisa, pode-se perceber muitos problemas. Os afazeres do dia-a-dia deixam o pescador amargurado e sem perspectivas, e o alcoolismo é uma realidade e acaba por atrapalhar não só a vida particular do pescador, como também sua relação de trabalho.

Dos pescadores consultados, 71,2% são filhos de pescadores e os outros 22,8% eram filhos de agricultores e trabalharam com a terra durante um bom tempo; 20,6% dos consultados são aposentados, 82,8% são casados e 17,1% são solteiros. Atabela 019 mostra a faixa etária dos pescadores consultados.

TABELA 019
Faixa etária dos pescadores

Até 25 anos	17,14 %
De 26 a 35 anos	11,42 %
De 36 a 45 anos	22,85 %
De 45 anos acima	48,57 %

Fonte Pesquisa Direta 1998.

A pesquisa de faixa etária revela um contingente já bem maduro, com grande número acima de 45 anos de idade (cerca de 48 %), sugerindo que a renovação da mão-de-obra é baixa, e que o percentual de pescadores aposentados que ainda trabalha chega a 20%. O abandono das atividades de pesca é uma realidade evidenciada na comunidade. Existem muitos setores que hoje são supridos com mão-de-obra de ex-pescadores: existem ex-pescadores trabalhando como taxistas, políticos, construtores, em atividades secundárias

e também em atividades ligadas ao turismo, em casas de turistas, em hotéis, pousadas e bares, entre outros, executando serviços de vigia, garçom, cozinheiro, etc.

5.3 - OS PROBLEMAS DA ATIVIDADE

Os pescadores, quando perguntados sobre quais os principais problemas que enfrentavam com a atividade, foram unânimes em apontar o "barco", que quer dizer a pesca em escala industrial, como a fonte de todos os seus problemas. São capazes de ficar contando histórias de roubos de equipamentos pelos barcos, ou seja, sempre argumentando contra a atividade. Talvez seja até fruto da própria experiência que tiveram quando atuaram na atividade de embarcado. Pois, quando perguntados sobre as outras atividades que desempenham na área de pesca, boa parcela, a própria que acusava o "barco" como culpado da falência de sua atividade, já tinha trabalhado na atividade em escala industrial. Mas os mais novos também pretendem trabalhar; para alguns é quase um sonho, ser pescador embarcado. A tabela 020 mostra os número da pesquisa.

TABELA 020
Pescadores que atuaram na atividade de pesca
em escala industrial e pescadores pretendentes do município de Garopaba.

ITEM	PERCENTAGEM
Pescadores atuantes que já trabalham na pesca em escala industrial	37,14
Pescadores atuantes que nunca trabalharam na pesca em escala industrial	62,86
Pescadores atuantes que nunca atuaram e que pretendem trabalhar na pesca Industrial	40,91

Fonte: Pesquisa direta, 1998.

Quando questionados sobre a atividade turística da região, boa parte dos pescadores entrevistados, cerca de 62,8%, acha que o turismo é muito bom. E justificam que tem muita gente ganhando bastante dinheiro. Mas quando questionados sobre quanto ganham, muitos não sabem dizer, outros até arriscam, mas a verdade é que na atividade de pesca muito pouco se ganha com o turismo.

Pode-se resumir em duas alternativas as possibilidades do pescador, dentro de sua própria atividade, para aumentar seu rendimento com o aproveitamento da atividade turística: uma seria a elevação do preço do peixe e a outra, a venda direta para o consumidor turista. No entanto, estas são apenas hipóteses. No início de janeiro deste ano(1998), dois pescadores reclamavam da baixa produção. Ao presenciarem o pagamento por parte do atravessador, que estava pagando o pessoal, um pescador reclamou. "Olha

aqui moço, trabalhei duas semanas para receber só R\$ 15,00 (quinze reais); é muito pouco, tá tudo caro nessa cidade. Mas o que a gente vai fazer mais por aqui ... É só o que a gente sabe fazer; o negócio é continuar trabalhando e passando necessidade."

O pescador acha, em princípio, que o turismo é bom, mas conforme ele vai desenvolvendo a conversa, sua resposta vai se modificando. E neste sentido, num primeiro momento o turismo é positivo aos olhos do pescador. Mas, quando questionados, 51% modificam sua resposta, concluindo que o turismo é bom só para os outros. De outro lado, acabam ainda levantando alguns problemas do dia a dia que acabam atrapalhando a pesca no verão. Reclama-se do uso do jetsky, do mergulho amador, onde são usados até explosivos, segundo informação de um pescador local. É um efeito indireto que prejudica a atividade, ainda mais quando o pescador não tem uma proteção efetiva ao nível dos órgãos responsáveis: EPAGRI, IBAMA e Capitania dos Portos.

5.3.1 - A RELAÇÃO DE TRABALHO

O pescador artesanal geralmente trabalha no regime de camaradagem¹⁵. Em Garopaba, não é diferente. No entanto, há alguns diferenciais, devido à concentração do equipamento nas mãos de não pescadores. Ao vender a parelha de pesca¹⁶, o comprador nem sempre é outro pescador, na maioria das vezes a transação é feita com turistas.

TABELA 021

Relação de Trabalho do pescador em Garopaba.SC

Camarada	71,43 %
Arrendamento	8,57 %
Equipamento próprio	20 %

Fonte: Pesquisa direta 1998.

A venda da parelha para turistas muitas vezes deixa muitos pescadores sem trabalho, pois muitos não querem nem mesmo arrendar o equipamento. No entanto, ocorre o arrendamento, como pode ser verificado como na tabela 021, extraída da pesquisa.

¹⁵Processo onde o pescador fica condicionado ao trabalho com contrato verbal sem nenhum rendimento fixo estipulado, a única renda provem de uma boa safra que dividida em partes não iguais entre proprietário e camarada.

¹⁶A parelha é basicamente o equipamento de pesca que pode ser resumido principalmente da Lancha, bote, ou traineira e o conjunto de redes, entre outros apetrechos menores exigidos para pesca.

O pescador que arrenda a parelha, dependendo da situação, fica obrigado a pagar 50% do que ganhar para o dono da parelha. Esta situação parece muito preocupante, pois reduz a renda do camarada, bem como a do pescador arrendatário. Entre os pescadores consultados, foi identificado que 80 % deles não possui equipamento de pesca; destes, 46% nunca possuíram e 54% venderam nos últimos anos o que possuíam. Se a venda dos equipamentos continuar a crescer, a renda do pescador, que já é baixíssima, vai se reduzir ainda mais.

TABELA 022

Situação dos pescadores quanto a propriedade de equipamento em Garopaba-1998

Pescadores que nunca possuíram	46%
Pescadores que venderam nos últimos anos	54%
Total de pescadores que não possuem equipamentos	80%

Fonte: Pesquisa Direta, 1998

A gravidade da situação se reflete não só na vida do pescador, mas também em toda a comunidade. É necessário atentar aos níveis de desemprego e ao poder aquisitivo destes pescadores. A criação de uma secretaria local para a área de pesca poderia ser a saída para uma melhor continuidade do setor.

5.4 - AS RELAÇÕES ENTRE A ATIVIDADE DE PESCA E A ATIVIDADE TURÍSTICA: REFLEXOS SÓCIO-ECONÔMICOS

Em outros tempos, os filhos seguiam mais a atividade dos pais; hoje isto não é mais verdade. As possibilidades de sair de casa para estudar em outras localidades, a evolução dos meios de comunicação, bem como a melhoria das estradas, contribuíram para alterar o perfil de ocupação da mão-de-obra local.

Mas, além disso, uma força interna que age dentro do próprio município aparece como alternativa de ocupação, desviando ou repartindo a oferta de mão-de-obra. A atividade turística parece ter contribuído com o atual estágio de desenvolvimento do município, com outros setores econômicos, bem representativos. Por causa do turismo, há estradas asfaltadas, atendimento considerável na área de saúde, lojas, confecções, fábricas com representação internacional, estrutura turística com hotéis, pousadas e uma grande área de construção civil.

Devido ao turismo ser de temporada, o impacto é mais forte no verão, pois o turismo é sazonal, tendo como potencial o banho de mar e o surf. A absorção da mão-de-

obra ofertada, no que tange ao pescador e sua família, é mais concentrada na temporada de verão. Acontece que em vários segmentos das atividades que compõem a estrutura econômica do município, não só da pesca, a oferta de mão-de-obra é desviada. Os setores de serviços, ao ampliarem sua oferta de empregos, bem como as remunerações, atraíram mão-de-obra que por fim acabou ficando trabalhando no setor; no entanto, ainda existem alguns que possuem apenas contrato temporário, conforme assinalado anteriormente. Desta maneira, muitos habitantes deixam de trabalhar nas atividades mais tradicionais e voltam-se às atividades nos setores de serviços que garantem a infra-estrutura de atendimento ao turista.

5.4.1 - O PESCADOR E SUA FAMÍLIA

Alguns pescadores já venderam seus ranchos e terrenos para turistas e até para empresários locais. Muitos destes tiveram que se afastar para longe da praia, mas ainda continuam pescando. Segundo o fiscal do IBAMA, que atua no local a área do rancho pertence à marinha e a venda é proibida, mas o pescador vende assim mesmo, através de um recibo. Na pesquisa, 43% dos pescadores consultados revelaram ter vendido terreno para turistas. Ficou identificado também que dentre os consultados 40% tiveram que se deslocar para longe da praia.

Dos pescadores consultados, 48% deles, no período de verão, percebem renda proveniente da atividade turística. Através da pesquisa foi possível identificar que os pescadores, na verdade, em boa parte dos casos, não trocam suas atividades. O pescador, neste caso, aumenta relativamente sua renda familiar em função do aumento do preço do pescado, bem como, em muitos casos, pela venda direta ao consumidor, turista. A verdade é que a elevação do preço do peixe ocorre devido à redução de sua oferta, em virtude do defeso de algumas espécies, tais como a anchova, bagre e o camarão, que ocorre neste período de verão, como indicado em capítulo anterior.

O turista então entra como um consumidor em potencial, tanto diretamente, quando compra o pescado na praia, como indiretamente, quando consome frutos do mar em restaurantes e peixarias locais. Desta maneira, pode-se considerar que não é necessário o pescador trabalhar diretamente nas atividades que estruturam a base da infra-estrutura turística local, para que se considere a influência da atividade turística na atividade de pesca.

Isto não é uma verdade para todos os pescadores. Muitos deixam de pescar no período integral de verão, voltando-se mais às atividades turísticas, principalmente os mais novos, que são aceitos para trabalhar em bares, restaurantes, atividades bem simples e que não exigem muito conhecimento. Neste caso, é claro, o pescador não foi encontrado na praia, mas a pesquisa realizada nos hotéis e pousadas, já abordada, revelou que boa parte da mão-de-obra utilizada é formada de pescadores, bem como seus familiares.

No inverno, quando a pesca alcança seu ápice, tem-se a época de baixa atividade turística. Neste período, a cidade recebe apenas alguns visitantes em final de semana. Acontece que o contingente de pescadores aumenta consideravelmente neste período; primeiro, pelos pescadores que desempenharam outras atividades no verão, e, segundo, por aqueles que praticam a pesca em períodos de folga.

A pesquisa sobre os filhos dos pescadores revelou que 30% deles são pescadores e 17% trabalham com atividades locais ligadas ao turismo, tais como garçom em restaurantes, hotéis, etc. A grande maioria, 51%, respondeu que seus filhos trabalham em outras atividades, ou são estudantes etc, atividades não ligadas ao turismo.

As esposas dos pescadores de Garopaba, em sua maioria, permaneceram nas atividades domésticas; 50% dos pescadores responderam que suas esposas trabalham somente em casa. Já outros 35% responderam que suas esposas, em épocas de verão, deixam a casa e partem para atividades ligadas ao turismo, a maioria trabalha em hotéis e pousadas. Outras 14% se dedicam a outras atividades, tais como costureira, cabeleireira, domésticas, etc. Esta situação foi identificada por 48% dos consultados

Quanto à renda do pescador, esta é muito variável. Podem ocorrer variações em semanas, tudo depende do bom tempo, e de um pouco de sorte também. O pescador poderá ganhar muito dinheiro numa semana e passar uma outra sem pescar nada, conforme informações. Por outro lado, a maioria dos pescadores preferiu não revelar sua renda e, em muitos casos, a resposta pareceu ser uma incógnita, talvez por não se saber direito quanto efetivamente se ganha com o trabalho. Apesar das dificuldades, foi ainda possível montar uma tabela (023) que demonstrasse o nível de renda.

TABELA 023

Renda média Pescadores comparação das atividades de pesca e turismo

Item	0 a 1 salários	Acima de 01 até 2 salários	Mais de 02 salários
Pesca	37,5 %	45,8 %	16,67 %
Turismo	25 %	0	75 %

Fonte: Pesquisa direta, 1998.

O aluguel de casas é uma fonte de renda para muitos moradores de Garopaba, conforme já apresentado. No verão muitas famílias permanecem alojadas em pequenos cômodos, deixando a casa mais confortável para oferecer em aluguel ao turista. Por isso, muitos moradores, principalmente os do centro da cidade, em grande maioria, possuem pelo menos duas casas. O pescador ativo, no entanto, conforme a pesquisa, também aluga sua casa, mas boa parte (60%), respondeu que não aluga suas casas, pois não dispõem, na maioria, de outra casa para se alojar durante o período de aluguel. Cabe ressaltar que aqui foram considerados apenas os pescadores que possuíam suas próprias casas, o que caracterizou 82% dos consultados.

A manutenção da atividade de pesca, no município de Garopaba, segundo a pesquisa, é uma necessidade. Segundo a entrevista, 77% dos pescadores não pretendem trocar de atividade. Mesmo auferindo rendas muito baixas, e com relação de trabalho sem vínculo empregatício, o pescador não arrisca deixar efetivamente a atividade que mais sabe fazer. Mesmo sendo um setor em decadência e com pouca importância econômica para o município, o pescador, mesmo tendo consciência da situação, em parte, ainda está determinado a continuar pescando e valorizando a sua profissão.

CONCLUSÃO

A tentativa de analisar a decadência da pesca artesanal em Garopaba frente ao desenvolvimento turístico local, buscou identificar, no âmbito do pescador e sua família os fatos que comprovassem tal relação. Tal proposição de pesquisa, fundamenta-se na percepção de que o turismo estava relacionado com modificações na estrutura produtiva do município. Percebeu-se que no limiar das décadas de 70 e 80 o turismo ganhou força em todo território nacional, e em Santa Catarina não foi diferente

Em Garopaba, as atividades tradicionais começaram a ficar deficientes e perder espaço tanto na ocupação de mão-de-obra, quanto na importância econômica. O município que tem tradição pesqueira, hoje é amparado economicamente por outros setores bem mais dinâmicos.

Mas, se a pesca, mesmo com os incentivos das décadas passadas, perdeu espaço na economia local, foi porque outros fatores estavam atraindo a atenção e desviando a capacidade produtiva de Garopaba da pesca artesanal.

Estes foram os pontos fundamentais para relacionar a decadência da atividade de pesca artesanal com o desenvolvimento do turismo em Garopaba. Assim, fazia-se pertinente uma análise da região, com ênfase nos impactos do desenvolvimento do turismo sobre o setor de pesca e o setor turístico. Os trabalhos da pesquisa de campo buscaram verificar estas relações.

Quanto a evolução dos volumes de desembarque do pescado em Garopaba, a análise final demonstrou redução, permanecendo num patamar sem perspectivas de recuperação. Quanto aos dados analisados, ficou evidenciado que no período estudado, a pesca apresentou uma alta concentração na propriedade dos equipamentos.

Quanto ao turismo no município, seu desenvolvimento ocorreu aos poucos; a identificação deste processo foi demonstrada a partir da evolução dos empreendimentos turísticos e a construção civil da área. A formação da infra-estrutura do turismo centrou-se basicamente em investimento externo. Trata-se de um fator preocupante, frente aos "benefícios" da atividade turística para o município. Mas, no entanto, revelou o quanto a cidade, por si só, não possuía as condições necessárias para o desenvolvimento do turismo.

Também na ocupação de mão-de-obra, os setores tradicionais do município perderam seu espaço na economia local, não totalmente, mas as condições dos pescadores frente aos trabalhadores dos outros setores, sugeriu que a representatividade econômica é

bem inferior. O município desenvolveu outras áreas atrativas economicamente, o setor de comércio e serviços apresentaram boa dinâmica com respaldos até internacional.

Em Relação ao turismo, a ocupação da mão-de-obra é um problema constante na comunidade. A sazonalidade da atividade é uma característica geral, e não poderia ser diferente em Garopaba. A ocupação da mão-de-obra é muito variável, existe uma diferença muito grande entre a alta temporada e a baixa temporada. Na verdade este é um problema antigo, que parece sem soluções a curto prazo.

A mão-de-obra ocupada no setor turístico apontou uma relação de impacto na atividade antiga do município. Verificou-se que parte da ocupação da mão-de-obra no setor turístico provinha de famílias de pescadores. Uma evidência importante que demonstra o envolvimento do pescador e sua família nas atividades turísticas. Esta relação estende-se aos outros setores que se desenvolveram no município e também possuem um estreita ligação com a atividade turística.

A respeito da renda auferida da atividade turística, não é uma das mais apreciáveis. Os setores complementares, tais como os restaurantes e lancherias possuem renda relativamente superiores. Concluiu-se que essa renda é superior à que é auferida nas atividades de pesca e agricultura, pois, o pescador e sua família foram encontrados nas atividades turísticas, entre outras, atividades relacionadas ao setor turístico, restaurantes, lancherias, lojas em geral..

Atualmente, com a pesquisa da SANTUR (1996 e 1997), a definição da estimativa do fluxo turístico revelou um bom desempenho da atividade. Estima-se um fluxo de 100 mil turistas de todo o Brasil e do MERCOSUL.

O crescimento da malha urbana do município de Garopaba tem uma ligação estreita com o desenvolvimento do turismo. Observaram-se várias casas de turistas em vários pontos da sede do município. No entanto, o crescimento resultou em vários problemas ambientais, como a destruição de dunas, banhados, pequenas lagoas. Como também, foi responsável pela redução da área pesqueira.

A estrutura econômica do município, juntamente com os dados analisados, demonstraram que o setor de pesca artesanal do município, não era mais um setor que tinha tanta importância econômica em relação aos outros setores, que tinham se desenvolvido em relação ao turismo. Percebeu-se, que os pescadores e suas famílias estavam se ocupando de outras atividades e, desta maneira, obtendo renda e outras atividades, diferente da pesca artesanal.

A atividade de pesca artesanal em Garopaba enfrenta muitos problemas relativos ao desenvolvimento do turístico. As relações de trabalho parecem ser também um impacto em que a atividade turística está envolvida. A venda dos equipamentos e dos ranchos de pesca reduziram a oferta de trabalho para pescadores que trabalham no regime de camaradagem, obrigando-os a procurar por outras atividades.

Em Garopaba, a venda dos equipamentos de pesca foi identificado por 54% dos consultados. Um impacto direto na redução da oferta de trabalho para os pescadores, que trabalham no regime de camaradagem, obrigando-os a procura de outras atividades.

O pescador que atua na atividade diariamente, revelou que também percebe renda proveniente do turismo, alguns alugam suas casas e outras até vendem peixe diretamente ao turista. Mas esta relação é muito baixa, o preço mais elevado do peixe não combina com a alta safra que ocorre no inverno. O nível de renda proveniente da pesca é muito baixo, apenas 16% dos pescadores revelaram ganhar mais do que 2(dois) salários mínimos. Ao contrário do que aconteceu em relação ao turismo quando 75% apontaram que percebem mais de 2 (dois) salários mínimos.

Foi identificado, que a família do pescador que atua na praia também trabalha nas atividades turísticas. Tanto os filhos, quanto as esposas, em parte, atuam em atividades diferentes da de pesca, na alta temporada.

Mas o que se pode perceber é que a atividade turística teve um papel muito importante nas modificações estruturais da comunidade. Por fim, ficou evidenciado que o turismo no município de Garopaba impactou negativamente a atividade de pesca. Primeiro a valorização imobiliária teria tido seu papel modificador da ocupação do pescador agricultor, segundo a venda dos equipamentos de pesca para turistas teria reduzido a oferta de trabalho, ficando o pescador tendo que dividir sua renda, não somente com o arrendatário mas também com o dono da parrelha. Em terceiro, ao atrair o pescador para outras atividades definitivamente, a pesca perdeu mão-de-obra e reduziu sua produção e consequentemente sua importância econômica.

Desta maneira, ficou evidenciado que a atividade turística contribuiu para a decadência da pesca artesanal em Garopaba.

- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELMAN, Irma. Teorias de Desenvolvimento Econômico. Tradução de Denise Cabral C. de Oliveira. Forense. Rio de Janeiro, 1972. 152p.
- ANUÁRIO Estatístico 1983 - Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento pesqueiro do Brasil Coordenadoria Regional da SUDEPE em SC - Controle de desembarque de Pescado em SC. CEPESUL. Informe sobre os desembarques controlados de pescados no Estado de SC. Ano 1988 a 1992-IBAMA, 1994.
- ARCAPESC, Serviço de Extensão de Pesca, Plano Diretor. 1972.
- BECK, Anamaria. O Mar e seus Recursos Icticos, Comunidades Pesqueiras e expansão Capitalista, Florianópolis, UFSC, 1983, pg. 53-66
- CNPQ-Pesquisa: Avaliação dos efeitos econômicos e sociais do turismo em Natal (Mestrado em Administração) UFRGN.
- CUNHA, Idaulo José. Evolução Industrial de Santa Catarina. FCC Edições. 1982
- DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. Pescadores, camponeses e Trabalhadores do Mar. São Paulo. Ática, 19983.
- FECOPESCA, Projeto de Financiamento, Santa Catarina.. 1962.
- KON, Anita. A Estruturação Ocupacional Brasileira: Uma Abordagem Regional. Brasília. CNI-SESI, 1995. 197p.
- IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, Censo Demográfico do Brasil, 1970- Santa Catarina, municípios, 5 Mão-de-obra.
- IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, Censo Demográfico do Brasil, 1980- Santa Catarina, municípios, 5 Mão-de-obra. p. 243 a 258
- IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo Demográfico do Brasil, Rio de Janeiro, 1991- Santa Catarina, municípios, 5 Mão-de-obra. p. 291 a 309
- IPEP-Instituto de Pesquisa e Extensão da Pesca. Pesca Artesanal "Coletânea de Proposições para Manutenção e Desenvolvimento da Pesca Artesanal". Santa Catarina, Secretaria da Agricultura e Abastecimento. 1978.
- KADT, Emanuel. Turismo e Desenvolvimento. O Correio da UNESCO. Rio de Janeiro, abril 1981:9
- LAGE, Beatriz e MILONE, Paulo Cesar. Economia do Turismo: Introdução a História Econômica do Turismo. Campinas. Papiros, 1991

LAGO, Paulo Fernando de Araújo. Contribuição Geográfica ao Estudo da Pesca em Santa Catarina. Separata da "Revista Brasileira de Geografia" nº 1 - Ano XXIII-Jan./Mar. de 1961. I Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE-1961.

Comunidades Pesqueiras de Santa Catarina, Condições Sociais e Econômicas do Pescador Artesanal e Aspectos da evolução da atividade Pesqueira em Santa Catarina. Serviço de Informação Agrícola - Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1968.

Exposição do Grupo Executivo de Desenvolvimento da Pesca Durante a visita dos Estagiários da Escola Superior de Guerra, Santa Catarina. Junho, 1969.

LINS, Hoyêdo Nunes. Herança Açoriana e Turismo na Ilha de Santa Catarina in: Revista de Ciências Humanas, Vol. 10, Nº 14, 1993

Economia Política do Turismo: Apontamentos sobre Santa Catarina UFSC Departamento de Ciências Econômicas-1995.

Turismo na Ilha de Santa Catarina. Desenvolvimento e sustentabilidade. CSE, UFSC, 1994.

MARTINELLO, Disce Maria. Santo Antônio de Lisboa: O pescador Tecendo sua própria rede. (Mestrado em Ciências da Educação) UFSC. 1992

MENEGASSO, Maria Ester. A Prática do Serviço de Extensão da Pesca em Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Porto Alegre. 1989.

MORETTO NETO, Luiz. Turismo em Santa Catarina - Diagnóstico Básico. www.sebrae-sc.com.br/turismo. 1997

A Atividade turística e o desenvolvimento sustentado. Estudo de caso: Balneário de Ingleses e o Projeto costa norte - Ilha de Santa Catarina, no período de 1960-1990 (Dissertação de Mestrado e Geografia) Concentração : Desenvolvimento Regional e Urbano. 1993.

RABAHY, Wilson. Planejamento do Turismo : Evolução e Situação do Turismo Mundial. São Paulo, Loyola. 1990.

REVISTA AGROPECUÁRIA CATARINENSE. As Proteínas da Revolução Azul, Florianópolis: EMPASC, V.2, n.4 p. 1-56.1989.

REVISTA MARES DO SUL, Ecologia(Maternidade), n. 2, Primavera de 94, p. 10-11.

Ilha do Superagüi, Sonho Verde da Floresta, ano. 4, n. 15, maio/junho. 1997 (Herança para as futuras gerações, Encarte especial do instituto de ecoturismo do Brasil)

ROSA, Vieira. Chorographia de Santa Catarina. Florianópolis, Typ da Livraria Moderna, 1905.

- SESSA, Alberto. Turismo e Políticas de Desenvolvimento. Porto Alegre, UNIONTUR, 1983.
- SANTA CATARINA. Exposição do Grupo Executivo do Desenvolvimento da pesca durante a visita dos Estagiários da Escola Superior de Guerra. 1969
- SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade. O Conceito de Turismo. Veritas. Porto Alegre. v 29 nº 115 p. 409-419. set. 1981.
- SANTOS, Cristina Silveira Ulysséa. Planejamento Turístico e seus reflexos no Processo de Urbanização nas Praias de Canasvieiras e Jurerê Internacional. (Mestrado em Geografia) Concentração em Desenvolvimento Regional e Urbano. 1993.
- SANTUR-Santa Catarina Turismo S.A. Pesquisa Mercadológica, Estudo da Demanda Turística, Município de Garopaba-Sinopse comparativa de 1996/1997, jan/fev. 1997.
- SILVA, Célia Maria e. Ganchos (SC): Ascensão e Decadência da Pequena Produção Mercantil Pesqueira. Dissertação (Mestrado Geografia) Departamento de Geociências. UFSC. 1990.
- SC-SUDEPE-DECP (convênio) Centro de Pesquisa de Pesca. Estatística de desembarque por Município e Localidade - 1969. abril de 1970.
- SOUZA, Nali de Jesus de. Desenvolvimento Econômico. 2.ed. São Paulo. Atlas, 1995. 242p.
- SUDEPE-DECP CINCRÁ - Acordo de Pesca. Departamento Estadual de Caça e Pesca. Produção Pesqueira-1972. Fpolis-SC Junho, 1973
- SUDEPE- Controle de desembarque 1977. Anuário Estatístico 1979 - Controle de desembarque de Pescado em SC. Programa de Pesquisa e Desenvolvimento pesqueiro do Brasil Coordenadoria Regional da SUDEPE em SC. 1979.
- TORRENS, João Carlos Sampaio, Avaliação Qualitativa. Projeto Especial CPM/MINTER-subprojeto AUF, Componente A 41 - Apoio à Pesca Artesanal. IPUF. maio/1984. IOESC.
- ULLA Saal. "Cuando los Turistas Llegaron ..." ? A quié m le Sirve el Turismo Internacional en el Tercer Mundo ? Desarrollo y Cooperacion. Bonn, Fundacion Alemana para el Desarrollo Internacional, n.2. 1987.
- VIEIRA, Claudesi. De núcleo pesqueiro Artesanal à Balneário: Estudo sobre Transformações Sócio-Econômicas recentes em Armação de Sant'Ana. (Monografia em Ciências Econômicas). 1991

ANEXOS

I – QUESTIONÁRIO PARA APLICAR AOS PESCADORES

PERÍODO DA APLICAÇÃO _____

Aplicado em pescadores (A) casados (B) Solteiros (C) Aposentados

Pescadores ()

- 1 - Idade
- 2 - Nº de filhos
- 3 - É descendente de pescador
- 4 - Pretende mudar de atividade
- 5 - A renda proporcionada pela pesca é suficiente para manter os gastos da família.
- 6 - Possui outro meio de renda
- 7 - Possui equipamento de pesca
- 8 - Qual é a relação de trabalho
- 9 - Recebeu algum tipo de treinamento técnico nos últimos anos
- 10 - Os filhos trabalham
- 11 - Sua esposa trabalha
- 12 - Aluga casa no verão
- 13 - Aluga o equipamento de pesca para passeio no verão
- 14 - Qual é o nível de renda atual da família
- 15 - Já trabalhou em pesca embarcada
- 16 - O que acha do turismo
- 17 - É positivo ou negativo para a pesca. Por que
- 18 - Você vendeu terreno/casa para turista.
- 19 - Teve que se deslocar para longe da praia.
- 20 - Quais os principais problemas que afetaram a pesca
- 21 - Que problemas você enfrenta.
- 22 - Que soluções são possíveis.

II - QUESTIONÁRIO PRELIMINAR PARA SECRETARIA DE TURISMO DE GAROPABA-SC

01 - Qual é a relação atual da Secretaria de turismo do município, com os órgãos Estaduais e Federais de turismo.

02 - O que o crescimento turístico de Garopaba representa em termos de arrecadação de impostos.

03 - Quais os investimentos realizados pela prefeitura visando apoiar o turismo. de onde vêm os recursos para os investimentos.

04 - Já se pensou num Plano de Desenvolvimento Turístico

05 - Qual é a primeira preocupação, considerada essencial para o turismo no município.

06 - Está claro, para administração, a importância do setor turístico no processo de desenvolvimento econômico do município.

07 - Que elemento do município é considerado como o principal atrativo turístico. Há possibilidade de esgotamento, ou não há preocupação na manutenção

08 - Quais as preocupações quanto, a pesca artesanal, a arquitetura açoriana, os costumes e tradições, como atrativo turístico.

09 - O planejamento turístico de verão, implementado pela secretaria, preocupa-se quanto ao nível de modificação sócio-econômica.

10 - Quais são as preocupações da Secretaria de Turismo, nos impactos ambientais e sócio-culturais do desenvolvimento turístico.

11 - O planejamento turístico, do município, tem algum estudo sobre os impactos de distribuição de renda, alteração no nível de vida da população local.

12 - A nível de infra-estrutura.

Quais as condições relacionado ao:

abastecimento de água potável; energia elétrica; meios de locomoção; segurança pública; atendimento médico;

13 - A nível de oferta turística.

Quais as condições: de Capacidade de leitos

Hotéis; Pousadas; Albergues; Camping;

III - QUESTIONÁRIO APLICADO EM : Hotéis, pousadas, albergues e camping.

1 - Ano de fundação

2 - Número de leitos - vagas

2 - A mão-de-obra exigida para seu estabelecimento requer algum treinamento especial

3 - De que classe econômica provem a mão-de-obra do estabelecimento.

Pescadores, agricultores. Qual a origem geográfica

4 - Qual o período de funcionamento da estabelecimento

5 - Existe alguma demanda na baixa temporada, ou não existe procura suficiente para manter o estabelecimento em funcionamento.

6 - Qual sua opinião quanto a possibilidade de dissolver a sazonalidade da demanda turística.

7 - Esta entidade preocupa-se com as condições de manutenção do: meio ambiente; os costumes e tradições.

8 - De onde provém os insumos (alimentos, etc) Fontes de abastecimento

9 - Classificação dos negócios quanto à gestão (familiar, empresa, etc)

10 - Há investimentos com origem em outras áreas (grupos ga-chos)

11 - Fora da temporada, o que acontece com a mão-de-obra.

Perguntas para os empregados

01 - Nível de salário

02 - Tipos de atividades

03 - Carteira assinada